



Número 8 – Ano 6 – 2025

<https://revistaarigo.avl.org.br/>

ISSN 2764-1155

Expediente

Número 8

Revista Arigó

ISSN: 2764-1155

Periodicidade: anual.

Contato: revistaarigo@avl.org.br

<https://www.revistaarigo.avl.org.br/>

Instituição responsável: Academia Volta-redondense de Letras (AVL)

Editor-Chefe:

José Huguenin

Editores associados

Camila Cabral, Fábio Elionar, Lourildo Costa, Lúcia Assis, Nikson Salem

Designer gráfico

Léo Ladadeira

Endereço:

Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília
Volta Redonda-RJ
CEP: 27260-140

DIRETORIA DA AVL (2024-2025)

Presidente: Jean Carlos Gomes

Vice-presidente: Débora Corsi

Secretária: Angela Alves Crispim

Tesoureira: Camila Cabral

Diretora Social: Thalita Wutke

Coordenação Editorial: José Huguenin



www.avl.org.br

Sumário

Editorial	4
Resenhas & Biografias	5
Textos Literários	13
Verso.....	14
Prosa.....	61
Ensaaios e Trabalhos Acadêmicos	81
O uso da interdisciplinaridade no letramento literário.....	82
Graziela de Andrade Ferreira, Joyciane de Aguiar Belo, Helena Lerner de Oliveira, Ana Cristina dos Santos Malfacini	
A educação ambiental nos caminhos dos textos de Euclides da Cunha.....	96
Fabiana Figueira Corrêa	
Letramento literário no ensino como valorização da literatura e do saber literário.....	103
Ellen Caroline Alves de Brito Ana Cristina dos Santos Malfacini	
Ensaando uma prática da bolsa da ficção.....	111
Henrique Leite Brites da Luz	
Relatos Historiográficos	128
Jubileu de Ouro do GLAN.....	129
Silvia Helena Xândy	
Academia Volta-redondense de Letras: 20 anos de contribuição para cultura da cidade do aço.....	132
José Huguenin	

Editorial

Volta Redonda, dezembro de 2025

A *Revista Arigó (RA)*, em seu sexto ano, com dois números especiais, segue sua missão de difusão da literatura de Volta Redonda e do Sul Fluminense, bem como a pesquisa acadêmica nacional. Em 2025 temos datas de grande importância: 20 anos de fundação da Academia Volta-redondense de Letras, 50 anos de fundação do GLAN- Grêmio Literários de Autores Novos, e 80 anos de fundação do GACEMSS. A Cultura de Volta Redonda festejou muito.

O Número 8, edição periódica da **RA**, ficou aberto para submissão de trabalhos de 01 de janeiro a 31 de agosto de 2025. A produção literária em verso e prosa de autores e autoras da região Sul Fluminense está na seção *Textos Literários*. Aceitamos poemas, pequenos contos e crônicas. Os textos são submetidos pelos próprios autores, o que permite que a **RA** seja veículo de apresentação de obras contemporâneas. Também publicamos nesta seção os textos finalistas do concurso Literário da FLIM que a AVL ajuda a organizar há quatro anos.

A seção *Ensaios e Trabalhos Acadêmicos* teve um aumento na submissão de trabalhos. São abordados temas de literatura comparada e ensino.

Na seção *Relatos Historiográficos*, trazemos o registro de duas efemérides culturais de 2025: 50 anos de fundação do GLAN e 20 anos de fundação da AVL.

Ao(À) leitor(a) entregamos este Número 8 que dá continuidade a esse projeto que tem como missão o registro literário e historiográfico da Região Sul Fluminense e o compromisso com a língua portuguesa.

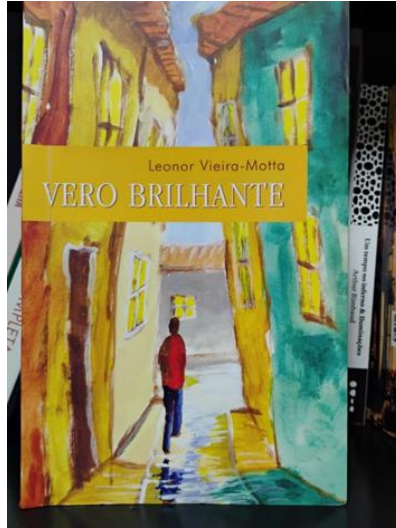
Boa Leitura!

José Huguenin
Editor Chefe



Resenhas & Biografias

Vero brilhante, de Leonor Vieira-Motta



José Huguenin

A escritura do poema é diversa e cada um tem seu jeito. Uns respeitam mais como o poema se manifesta, outros tendem a burilar mais, retocar, aperfeiçoar, lapidar, por assim dizer. Cada forma de poetar tem seu tempo. Carlos Drummond de Andrade em “Procura da poesia”, aconselha aos(às) poetas:

“Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.”

Conviver com os poemas, calma e surdamente, colher na lavra do dicionário a palavra bruta que pode ser lapidada para virar pedra angular da construção poética.

Olavo Bilac, em Profissão de fé, compara o poeta ao ourives que

"Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e enfim,
No verso de ouro, engasga a rima,
Como um rubim."

Assim é o fazer poético de Leonor Vieira-Motta: cuidadoso, profundamente atento à língua, à vida, à função poética. E desse jeito de construir poemas, surgiu, lapidado, Vero brilhante (2005). Há exatos 20 anos vinha a lume uma obra com assinatura inequívoca de uma grande poeta-ourives.

A construção parece frágil em Cimento fresco (pág.22), pois a mesmice dos dias

“Escorre
por nossa laje
e nos impulsiona
para a insegurança
do andaime.”

A poesia é segura mesmo quando

“Sobre um plano pântano edifico-me
e a eterna ameaça dos crocodilos
faz com que eu afunde mais rapidamente
num plano movediço”
(Planos, pág. 24)

A musicalidade está presente na construção poética, sim, claro, como uma pianista pode não encher de notas e ritmo aquilo que sai de sua construção artística? Encontramos dança (Decreto a partir de Thiago Melo, pág. 29)

“de frevo
de xote
de valsa.”

Versos livres ganham ritmos alucinantes com aliteraões polidas com a politriz afiada da poeta-ourives:

“O futuro
não sei
faço
no traço
no passo
no desembaraço de um novelo
de fio infinito de meada.”
(Ouro e areia, pág.28)

A semântica, por vezes, é prismática, reluzente. Todas as mil faces da palavra, como definiu Drummond, são usadas nas construções de Leonor. No poema Nós (pag. 68),

“Cabeças são portos.
Portos de eus.
Eus de nós
atados
cegos
e marinheiros

como nós.”

Os nós cegos, atados, podem ser amarras em cordas para parada de passadores ou prender fitas do Bonfim, mas podem ser também, literalmente, pessoas presas e sem poder enxergar as coisas entre elas. Os signos assumem diferentes significados no mesmo lugar do poema. São os leitores e leitoras que vão quebrar essa degenerescência com suas vivências. O poema, então, poderá ser terminado

Encontramos, por certo, rigor linguístico, precisão estética, mas a oralidade está presente e ajuda na completeza, na reluzência de terras raras. A natureza domada pelo homem dita suas necessidades. Para que ter sede? Por percisão da boniteza (pág. 109), um poema capiau nos informa que

“No fundo do poço
seu moço
não acaba
nada.

No fundo do poço
seu moço
brota é
mais água.

Por percisão
da boniteza
tenho é
sede.”

É preciso falar, também, da boniteza do projeto gráfico. Ilustrações de Erastóstenes vão criando uma ambiência poética, jogando focos de luz nas joias-poemas.

Os veros brilhantes têm procedência e descendência. Os poemas não esquecem as origens, pai e mãe, e descendências, seus meninos. Naquele tempo o neto era sonho distante que há pouco se materializou. Mas a influência literária aparece, por certo. Dons Quixote e Casmurro sofrem-lutam por Capitu e Dulcinéia.

Ao fim e ao cabo, saímos ofuscados, aquecidos, e elevados ao terminar uma leitura ímpar posta nas vitrines há vinte anos, mas que jamais perderá o brilho.

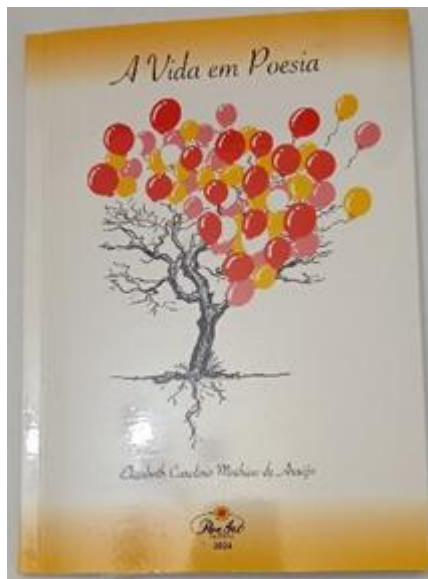
Sobre a autora

Leonor Vieira-Motta nasceu em Volta Redonda-RJ, em 1959. É graduada em Odontologia e especialista em Saúde Coletiva, atividade exercida por 38 anos nos municípios de Volta Redonda e Piraí. Na PMVR Volta Redonda, coordenou o Centro Odontológico Gílton Azevedo Lima-Retiro e integrou a equipe do Programa de Controle ao Tabagismo até a aposentadoria.

Em 1980, publicou o primeiro livro *Meu tempo*, uma coletânea poética, e desde então teve contos e poemas premiados e crônicas publicadas em jornais da região sul-fluminense, Itaboraí-RJ e Divinópolis-MG. Estuda piano desde os seis anos e ainda tem muito que aprender. É torcedora do Flamengo, mas há alguns anos resolveu dar uma força para o Botafogo, time de dois dos três filhos e desde o ano passado tem tido dupla alegria.

Atualmente está às voltas com novos poemas sobre o rio Paraíba do Sul, com quem alega íntima consanguinidade e pretende, na publicação, dedicar a obra ao Benício, seu primeiro neto. Para ela, parafraseando um autor guatemalteco: “A poesia é a única prova concreta da existência do homem”.

A Vida em Poesia, de Elizabeth Carolina Mathias de Araújo



Angela Alves Crispim

O livro “A Vida em Poesia” foi lançado em 2025, pela escritora Elizabeth Carolina Mathias de Araújo, em Volta Redonda, tendo sido editado em 2024, pela Editora PoeArte, contendo 88 páginas.

Com muita singeleza Elizabeth Carolina descreveu momentos, homenageando personagens e personalidades ao expressar, através de poemas, os seus mais puros sentimentos.

O livro foi dividido em três capítulos: Capítulo 1 – Celebração, Capítulo II – Homenagem e Capítulo III – Sentimentos.

No Capítulo I, poetiza sobre várias datas comemorativas, destacando-se o dia de São João, através do poema “Vinte e Quatro de Junho”:

É o dia de maçã do amor

*De sentir da fogueira o calor.
É dia de alegrar o coração
E de celebrar o aniversário de São João.*

Em seu Capítulo II, faz várias homenagens a pessoas, amigos e familiares. Neste capítulo, chama a atenção, em especial, um poema bem diferenciado e interessante, denominado “Brasileiro é Índio Tupi-Guarani”, onde desvenda o sentido de algumas expressões idiomáticas, hoje consideradas como corriqueiras, mas que possuem uma simbologia característica nos primórdios de sua origem, estando bem representada em uma de suas estrofes:

*Ajubá é amarelo
Amapá é árvore que produz látex
Pará é rio
Juçara é palmeira fina e alta
Tabajara é senhor da aldeia
E Ubirajara é senhor da terra.*

Através de palavras tão conhecidas e utilizadas pela população, perdemos a visão geral da raiz inicial daquele termo, cujo sentido não temos noção da origem, formação e representatividade.

Ressalto, ainda, neste mesmo capítulo o belo poema dedicado aos poetas, intitulado “O Poeta”, onde escreve:

*Em nossa pauta as notas musicais são as palavras.
Nossa melodia é silenciosa, ouvida apenas por um atento coração.
A nossa clave não é de sol, nem de fá, nem de dó é a clave da inspiração.
O nosso timbre não vem do piano e nem do violino são os timbres da vida.
O poeta é o músico silencioso da imaginação.*

No Capítulo III, a autora transita entre vários sentimentos. Destacamos as estrofes do poema “A Ingratidão”, quando menciona:

*É um sentimento
Que traz a dor da escuridão
A um triste coração.
É um espinho
Daninho em teu caminho.*

No mesmo capítulo, podemos apreciar um outro momento de introspecção a se mostrar no poema “Paixão”, através das estrofes:

*Um coração desgovernado
Que não pode ser dominado.*

*Uma taquicardia
A qualquer hora do dia.
Minha alma se irradia
Só com a sua existência.*

Em sua sutileza, Elizabeth nos brinda com sentimentos puros, evocados de uma personalidade cativante, fazendo um trabalho belíssimo ao transitar com elegância entre as lembranças e suas observações, dando uma atenção especial ao que nos cerca e move nossa vida.

Vale a pena fazer essa viagem através das páginas de seu livro, nele encontraremos um pouco de cada um de nós representado em suas observações e sentimentos.

Sobre a autora

Elizabeth Carolina Mathias de Araújo, brasileira, nasceu em Volta Redonda, em 13 de janeiro. É médica, com especialização em Otorrinolaringologia. Interessou-se pela leitura desde a infância. Lançou a Cartilha Infantil “O Carnaval das Letrinhas”, em 2015, relançado em 2023. Lançou “Palavras que Tecem Poemas”, em 2019. Lançou em braile, o livro infantil “O Mistério do Pássaro Azul”. O poema “País Tupi-guarani” foi classificado no concurso Off Flip de Literatura. Em 2021, participou da “Antologia Ilustrada Monteiro Lobato e os Convidados do Sítio”, e o conto infantil “Festa do Babado no Tablado”, participou da “Coletânea de Contos Infantis – Centenário de Maria Clara Machado”. Lançou o livro “Desfile das Letrinhas”, em 2023. Participa de coletâneas e saraus. Ocupa a cadeira nº 8 da Academia Volta-redondense de Letras.



Textos Literários

Verso

ÁBACO



Saulo Soares

O tempo que a alma conta,
Não se conta na ponta dos dedos.
É contado em doces cochichados segredos,
Como criança que, risonha, apronta.

A alma que o tempo conta,
É a que deixa tonta, na dança, a vida.
Que espalma e espalha a areia
Com a qual a veia da ampulheta é preenchida.

As contas do ábaco de nada servem,
Se o tempo sorve, até o fundo do copo oco,
O corpo morto dos dias de saudade.

Já não era sem tempo a eternidade.

É QUE LI BRIO

Márcio Castilho

Não vou guardar um poema escrito.
Vou desengavetar as palavras,
Vou tirá-las do cofre,
Guardar, perder de vista as letras
E a vida, e o verso, e o grito.
Vou dar alma e corpo
Ao silêncio onde me transcrevo,
Ao momento onde me traduzo,
Ao tempo em que meus eus se ajustam.
É que li brio no brilho de tantos olhos
Que no sóbrio estar de um segundo,
Meu equilíbrio procura o ébrio
Para desequilibrar-se
E ler-me poeta aos olhos do mundo.

Imagine só!

Marcio dos Santos Medeiros

Imagine um mundo são,
onde fome é palavra no papel,
é uma escrita do dicionário
pra saber o do que se trata.
Imagine, um país onde fronteira
é linha no mapa,
para aprender onde aquela maioria fica,
mas é bem vinda em todo canto.
Só imagine, então,
a loucura desse mundo são,
onde pai e mãe vivem com filho
se amando mais e mais!
Imagina sim, que um dia todos se vão,
mas só para encontrar o criador
deixando muda uma voz,
mas o coração fica pra trás, com os seus.
Imagina só que louco
não ter que aturar grito rouco

preso na garganta,
que sobe aos olhos,
e verte aquela água salobra...

Imagine só!

Pó e pão

Raquel Leal

Entre a curva do rio mais belo
E a linha do horizonte
Vê-se de longe o borrão de pó
Sujando as varandas bonitas
As saias das meninas
As mãos que compram pão

O tão sonhado arco-íris
Com as 9 cores de abril
Brilha mais nas paredes do beco
Do que no olhos de quem sorriu

E não há pássaro ou reza
Que o limpe de vez
Nem as 17 chuvas de julho
Nem às centenas de cidadãos
Com cartazes nas mãos e pulmões
Encharcados de asma, em passeata.

Outono com encantos e magia

Maria Aparecida da Costa Souza

Despede-se o verão com dedos brandos
E o outono, em tons ocres e profundos
Derrama sua paleta sobre os campos
Como um pintor que moldura o mundo

Folhas se rendem à gravidade mansa,
Bordadas de carmim, ferrugem e ouro.
Pairam no ar como indolente dança,
Ornando o belo tempo em coro.

O tempo escoia num passo interior
Nevoeiro envolve o bosque em véu,
Crepúsculo veste o dia de opala
Perfuma o chão como um outono fiel.

Na calma dessa estação que tudo embala
Céu se veste de cinza, silêncio sem fim
Galhos despídos clamam por calor
Brisa sussurra segredos do fim.

Rubras, douradas --- paleta ancestral
O vento filosofa entre os galhos nus
Folhas dançam no ar, com graça outonal
A luz de âmbar, passa e se traduz

Vestígios de um verão que já se vai
E a alma, em tons de cinza e aquarelas,
Crepitam sob os pés memórias secas
Se recolhe em paz --- e se vai.

Tons de cobre, fogo e ferrugem
Folhas dançam como quem surge

De um sonho antigo, calmo e profundo,
Vestindo o outono com clamor ao mundo.

O céu se cobre de cinza e ouro,
Silêncio doce, tempo é tesouro.
O sol, mais baixo, beija a estação,
Com luz morna e tal contemplação.

Marrom da terra, laranja do dia,
Ocre m das árvores em poesia
Outono fala sem dizer
Que há beleza em se desfazer.

Borboleta errante

Elyane Lacerdda

Que seja raro e me embale
Que mesmo desajeitado me faça dormir...
Sonhar...
Viver alucinadamente
Acreditando em suas mentiras
Mas que seja breve
Que passe como o vento
Não me agarre nas folhas das árvores
Não me sufoque com o travesseiro
Deixe-me na hora certa...
Que a borboleta habitante de minha alma
Essa azul como as águas do mar e o infinito
Crie coragem para o grande voo
Da despedida...
Do desencontro
Da vida que se reinicia...
Que seja raro e me embale
Mas que seja forte
E não perceba
A minha partida
Calma
Sem choros
Que seja a luz
Para guiar sua nova estrada...

Segredos interiores

Elyane Lacerda

Ninguém há de saber
O que meu peito guarda
As batidas descompassadas
Que sinto arder e me sufocar
Ninguém há de saber
Até porque não houve questionamento algum...
Não há preocupação com meu sentir, pensar, falar, e ser...
Ninguém há de saber...
Que a dor seja minha e basta...
Que seja única em mim
Não a dividirei
Ninguém há de saber
O que meu peito guarda
O explodir da solidão
O renascer da Vida
Pulsando em nossas veias
Que seja pleno
Desajeitado
Mas que haja a descoberta
E que seja apenas minha
Ninguém há de saber...

“Cadê o poeta?”

Angela Alves Crispim

No burburinho de vozes se ouviu...
“Cadê o poeta dos sonhos e fantasias?”
Nada se destacou como resposta.
A ideia vagou nos pensamentos
E muito longe um lamento surgiu,
Através de uma lágrima que caiu.

No murmúrio exaltando o amor,
Em cada face escondida ficou,
Em sua ânsia de poder sair e voar
Aquele verso em silêncio guardou
A esperar o momento de se mostrar,
Encontrar a sua voz e forte bradar.

“Cadê o poeta” que ficou mudo,
Transitando por ideias inconstantes
Até que um brilho nos olhos reluziu
E firme por instantes se mostrou,
Expressando em palavras possantes
Sentimentos profundos e constantes.

E o poeta “dos sonhos e fantasias”
Se refez e procurou se expressar.
Lindamente saiu do seu mutismo,
De repente se ergueu de seu lugar
E, com força e esperança retornou
Ao dizer simplesmente... Aqui estou.
(03/07/2025)

Meus pedaços

Angela Alves Crispim

Meus pedaços se espalharam
Como pequenos fragmentos
A flutuarem pelo espaço,
Sem obedecer a rumos definidos.
Pequenas porções do que sou
Se espalharam por vários momentos,
Dispersados através do tempo.
Estou nas marcas deixadas,
Nas influências cometidas,
Nos toques simples na alma.
Pequenos pedaços a se incorporar
Às vidas de tantos outros pedaços,
Comungando vontades, ambições.
Ao colorir, modificar, transgredir,
Transformaram variadas emoções.
E nesse flutuar dos meus pedaços
Atingiram onde a mente alcançou,
Ao espalhar possíveis realidades
Naqueles espaços em que tocou.
Meus pedaços se espalharam
Em buscas e trocas constantes,
E num quebra-cabeça infundável,
Eles ultrapassaram a várias barreiras.
Espalhou-se em silêncio, por instantes
E ocupou lugares longínquos ao passar,
Fazendo parte de uma extensa dimensão
A qual não ousei um dia imaginar.

A Poesia Retrata a Fotografia

Elizabeth Carolina Mathias de Araújo

Um brasileiro, mineiro, Sebastião
Que todo o mundo tem profunda admiração!
Na grandiosa e respeitosa Universidade de São Paulo
Concluiu seu mestrado e em Paris, atingiu seu doutorado.
Um digno brasileiro, doutor em economia!

Ao documentar a África, abandonou a economia
E mergulhou na fotografia!
Em 1973, iniciou sua carreira de fotojornalista.
Seu olhar sensível, repleto de inspiração
Trouxe ao mundo o incrível, Sebastião Salgado!

Sua câmera documentou os pobres da América Latina
Que se transformaram em seu livro primogênito: Outras Américas!
Fotos iniciadas no litoral do Nordeste Brasileiro, cidades da Bolívia
Chile, Peru, Equador, Guatemala e México.
Uma viagem pela cultura e sobrevivência dos ameríndios e camponeses!

Suas lentes retrataram o sentimento dos refugiados!
A dura trajetória em busca da esperança!
O livro Êxodo, revela a agonia da mudança!
Documentou a saga da infância exilada!
Retratos de Crianças do Êxodo, a inocência mutilada!

A maior mina de ouro em céu aberto do mundo, Serra Pelada!
Milhares de garimpeiros, aos seus olhos, formigueiro humano!
Retratou a ambição, o apetite pela pepita dourada.
A Febre do Ouro, uma visão do que não tem razão!
Uma vida de pobreza em busca da nobre riqueza!

Oito anos de trabalho, inigualável beleza, lugares intocados da natureza!
Montanhas, geleiras, oceanos, animais e pessoas.
Uma poesia da ecologia!
Da obra Gênese, brota o Instituto Terra

Que luta em uma guerra a favor do ecossistema!

Abraçou o combate contra a poliomielite!
Registrou campanhas de vacinação
Na Somália, Índia, República Democrática do Congo
Sudão e Paquistão!
O fim da pólio, livro do grandioso cidadão, Sebastião!

Como mineiro de Aimorés
Salgado teve estreita relação com o café.
Para saborear um arábica da Índia, Guatemala
Brasil, China, Índia e Tanzânia
Basta folhear Salgado em Perfume de Sonho!

Um, é engenheiro e professor, Cristovam Buarque!
Outro, é um artista da imagem em preto e branco, Salgado!
Um mundo de inclusão, solidariedade e educação!
Juntos, denunciam a educação para exclusão!
Uma magnífica conjunção, o livro O Berço da Desigualdade!

Em dezembro de 2017, Salgado, honrou-nos
Ao tomar posse da Cadeira número Um da Academia de Belas Artes da França!
Sua visão nos impulsiona para um mundo de esperança!
Com Sebastião, enxergamos a inflexível realidade
Com o olhar da sensibilidade!

Concurso Literário da FLIM
(Feira Literária de Mambucaba)
coordenado pela AVL

Tema: *Só há um tempo: o agora* (Daniel
Munduruku)

Categoria Geral

É agora (1o colocado)

Evandro de Souza Lessa

No agora pulsa a luz tão clara
E o pensamento já se desdobra
A vida é chama que nunca para
No instante, a alma se recobra.
Passado é sombra que se dissolve,
Futuro é brisa que não segura.
Só o presente, forte, resolve
Viver sem medo da noite escura.
Cada segundo é o chão da estrada,
Que aos pés oferece direção.
É a chance viva não adiada,
É raiz firme no coração.
Se a mente voa pra o que virá,
O corpo ainda vibra no agora.
É só no hoje que o ser estará
Inteiro, inteiro — sem demora.
O tempo passa e não há aviso
Nem calendário que o detenha.
Cada suspiro é o mais preciso
Quando vai chegando a sua senha.
Não se constrói futuro incerto
Sem fundamento no instante vivo.

O agora é solo firme e certo
Onde repousa todo motivo.
Quem vive o hoje sem disfarce
Encontra paz dentro da hora.
Pois cada gesto deixa sua face
Em quem viveu com alma flora.
A pressa engana, o medo adia
O que a vontade já declara.
Mas só o agora tem valia
Para o viver que não se para.
Celebra o toque, o olhar, o riso,
Como se fossem eternidade.

A vida é breve, mas tem juízo
Quem faz do agora liberdade.
E quando o fim quiser chegar,
Sem mágoa ou peso no olhar profundo,
Terá vivido sem negar
O tempo real que há no mundo.

Nesse instante (2o colocado)

Leticia Barroso

Sem cerimônia.

Sem pedir licença.

Apenas... ocupei.

Invadi.

E desde então,

vivo alheia à sua existência.

Indiferente.

Cega.

Eu invadi o seu lugar.

Rasguei seus caminhos.

Enterrei seus ritos.

Ergui minha voz onde o seu canto ecoava.

Fiz morada no que era seu.

E chamei de meu.

Meu Deus.

Eu deforme o seu lugar.

E agora...tudo apodreceu.

O que era semente virou cinza.

O que era canto virou eco.

O que era sagrado... virou silêncio.

Eu invadi o seu lugar.

Estou no cinza.

Afogada no seco.

Num corre-corre sem fim.

Perdida na poeira, nas ruínas

De um lugar que nunca foi meu.

Mas de uma pessoa Tupinambá.

Preciso de lucidez.

Coragem.

Fôlego para te ver.

Só me resta este momento.

Um encontro inevitável.

Um instante urgente.

Para reparar,

recomeçar,

regenerar.

Neste momento

Não há ontem.

Não há depois.

Neste momento.

E eu me dispo

de tudo o que trago,

de tudo o que impus,

de tudo o que calei.

Só me resta esse instante.

Onde a vida pulsa,

Onde o tempo é agora.

E nesse agora...

SOMOS SOMAS.

Agora (3o Colocado)

Rosana Magalhães da Silva Vieira

Agora é aproveitar a vida.

Agora é curar a ferida.

Agora é respeitar a natureza.

Agora é viver com leveza.

Agora é deixar para trás a tristeza.

Agora é desfrutar da liberdade.

Agora é valorizar a igualdade.

Agora é buscar a felicidade.

Agora é sentir o vento.

Agora é elevar o pensamento.

Agora é curtir o momento.

Agora é compreender a dor.

Agora é cheirar uma flor.

Agora é colher uma fruta no pé.

Agora é sempre ter fé!

Agora é conviver em harmonia.

Agora é escolher bem a companhia.

Agora é ouvir o canto dos pássaros.

Agora é dar muitos abraços.

Agora é distribuir sorrisos.

Agora é fazer novos amigos.

Agora é admirar cada detalhe da criação.

Agora é ouvir uma bela canção.

Agora é dar boas risadas.

Agora é correr livre pelas estradas.

Agora é respirar bem devagar.

Agora é observar o ir e vir das ondas do mar.

Agora é pensar, sonhar, acreditar, recomeçar e realizar.

Agora é amar, abraçar e beijar.

Agora é relaxar e descansar.

Agora é não fingir e não mentir.

Agora é cantar bem alto.

Agora é descer do salto.

Agora é olhar para as estrelas.

Agora é não franzir as sobrancelhas.

Agora é não ter sempre razão.

Agora é deixar fluir a emoção.

Agora é ser luz na escuridão!

Agora é hoje, é sempre e é tanto!

Ter fé em Deus!

Ter fé em mim mesma!

Ser eu!

Ser tudo!

Três vezes agora (Finalista)

Antônio Carlos de Oliveira da Silva

O tempo que eu tenho
É o agora,
Pra eu decidir,
Sobre o ontem
Que já foi embora,
Deixando o meu refletir.
Sobre o amanhã?
Sobre o amanhã
Sou hoje,
O que eu sinto,
O que eu sonho,
O que eu serei.
Planejo,
Engenho a razão; margem
Profundo momento
De ser coração.
Pra ser compreensão,
Pra ser comunhão,
Sou o céu, sou o ar!
Sou o Sol, o silêncio
E o som!
Sou a flor, sou o amor!

Sou o Ser, sou amigo,
Sou como um irmão!
Seguimos irmanados,
Enamorados,
Vivendo então, o todo,
O tudo,
O eterno agora,
Eloquente emoção.
No tempo fértil,
Sem pensamento,
Profícuo espaço da
Criação.
Sou o rio, a água e o
Peixe no mar!
Sou a nuvem,
A estrela e a
Ave a voar!
Sou o bicho e a mata,
A preservar!
Sou o presente agora,
A viver e amar!

Antes de Brasil (Finalista)

Bárbara Emanuelle Nogueira de carvalho

Antes que houvesse trilhas,
Já existiam caminhadas
Antes que houvesse armadilhas,
Já tinham às caçadas
Antes que houvesse técnicas,
Já pescávamos com lanças
E julgaram ser morta a nossa esperança!
Antes que fizessem teto verde e amarelo,
Já existiam os nossos lares
Diziam ser esperto
Só porque desbravaram os mares
Roubaram nossa terra chamando de propriedade
Cavaram buracos escondendo toda a verdade
A terra não é roça é o nosso lar
E ainda dizem que sabem o que é amar
Anos se passaram e as coisas não mudaram
Apagou de suas mentes a palavra respeitar
Se há amor pela terra não nos impeçam dela cuidar
O tempo é agora
É resistência

É luta, é história e se não falha a memória
É vida, é comida
É terra de brasa
Onde vocês moram e apossam
Sempre foi a nossa casa
Aviso nós daremos: Resistiremos!
E com tudo que somos
Em morte ou em vida nós, indígenas e terra,
Não nos abdicaremos dessa guerra
Enfrentaremos em elo ao verde
Até que se acabe a nossa sede.

Matei ao Tempo Agora (Finalista)

Carlos Brunno Silva Barbosa

O ontem é o hoje que já aconteceu,
o amanhã é o hoje que não amanheceu.
O passado e o futuro são o agora negociado
sem negociação: é preciso viver o imediato
com urgência e reparação.
A onça-pintada não lembra da caça passada;
procura sobrevida na mata presente.
Não há alimento no que já foi mastigado,
não há fruto onde ainda não foi plantado.
A Natureza rejeita relógios futuristas e arcaicos;
os ponteiros originários não renegociam prazos:
maitei a abaetê, pessoa boa, que cuida do imediato,
maitei a abaeté, pessoa honrada, que preserva o preservado.
Há chuvas oblíquas que ultrajam nossos antepassados,
há secas artificiais que desertam rios de naturais agradados.
O explorador entoa heranças coloniais e falsas profecias
e debate e se debate em progressos retrógrados
por um sonhar mal sonhado, cheio de pesadelos anunciados,
enquanto cantamos Javy ju pro Guaraci que bronzeia a manhã desse novo dia,
Nhande ka'aru ju – à tarde que é nossa e que nunca é tardia,
Katupytuna pra Jaci que desfila na noite do hoje sem desarmonias.
Não há Presente presente no ontem anhana do caraíba,

não há Futuro do Presente se o Presente não se verbaliza:
é preciso restaurar, preservar e cultivar o imediato;
só há um tempo, o agora, sem adiantamentos nem atrasos.

O tempo é já (Finalista)

Isac Machado de Moura

O tempo é agora, é já.
Respeitar é urgente.
De repente,
"terra à vista"
e a vista se desfez.
Chegava o português invasor,
roubador de horas,
de vidas,
de tempo,
de cultura,
impondo uma língua,
uma religião,
uma literatura
aos povos originários,
nossos ancestrais.
É tempo de resgatar a paz,
o respeito,
o valor,
a água sem morte, a comida.
É agora a vida.
O tempo é já, é urgente.
De repente,
respeito e direitos à vista,
reconquista.
Sonhar.

Senhor Tempo (Finalista)

Jorge Bernardino Rodrigues de Azevedo

A lagarta, que crisálida
Em borboleta
Transformou
E a água
Que choveu, vai saber
Quantas e por onde já passou...
Quanto tempo
Deve ter o tempo
Para que se tenha tempo
De se ter tempo
Para que dure o tempo exato, necessário?
De um sorriso
De uma paixão
De uma dor, por que não?
De uma saudade
De uma lembrança
Do amor que habita o coração
De uma lágrima que verte
Numa chegada, na despedida
Na luz da vida ou se numa curva
Turva a noite e se inebria. . .

Perguntas que faço ao tempo

E a tempos venho me perguntando

Será que ainda tenho tempo?

Mas, o tempo se me responde

Talvez precise de um tempo

Para ouvir;

O que o tempo está me falando

Horas Roubadas (Finalista)

Rosana Silva

Em tempos de melancolia, ouço

“No meu tempo era diferente
ou porque no nosso tempo...”.

E o passado parece melhor
do que este exato momento,
e não é bem assim

O tempo não para
não para, não!

Sinto saudades
de quem nem conheci
e se alguém se vai
envelheço um dia a mais.

É fardo,
sinto cansaço.

Mas comemoro com entusiasmo
os dias atuais.

Embora sinta falta de mim
dos tempos de outrora
e do amor que perdi.

Será que é pedir muito
ter a tal dignidade
e morrer antes

de esquecer-me de você

de nós?

Vem, Meu Amor

ainda temos futuro

Só há um tempo:

o Agora!

Nem mais um minuto.

Que Foi Amor? (Finalista)

Vanessa Nascimento Syrio

Não foi, sempre será.

A voz suave no ouvido confirma.

Que foi amor? Os sonhos, mais íntimos, são nossos.

Pois se aquece o peito e acende o olhar, não resista, é hora de amar.

Lindo de ver, as almas inteiras vivendo o agora, que é o que há.

Chuva de bençãos que só molha aqueles que não temem o se entregar.

Sim, isso também vai passar.

Em meio aos suspiros e juras de amor eterno.

Segura a mão firme no tornozelo, que conquista a nuca do outro.

Sendo impossível diferenciar quem serve a quem, de tão satisfeitos que ambos estão.

Corações vencedores, que se acham nos reinos, um do outro.

Sem limites, sem limitações, sagrados desejos.

Já vai passar - um aposta.

Porque não importa o quão bem vivido seja um amor.

Um dia, todo amor se transforma em poesia.
E quando termina estilhaça as duas almas que choram.
Atordoadas, não entendem e nem sabem o que fazer.
Com a natureza passageira do amor.
Vai passar – ambos vencem.
Passou da concretude para a memória.

Foi para o lugar “onde somos nós” e de onde ninguém nos tira.
Celebrando o encontro dos mares, nos olhares.
Na esperança de que o Senhor Tempo, unidos, nos esqueça.
Feito a brisa que passa, sem nunca deixar de ser ar.

O tempo é agora (Finalista)

Vitor Afonso de Castro

Sofrendo o medo de perder,
Olhando sempre o conquistar.
Dessa vida o angustiar
Pelas feridas do viver.
E remoendo um tal passado
Não se enxerga um tal de agora
E o coração se apavora
Achando estar tudo acabado.
Só que então se erra outra vez
E se deseja só futuro
Querendo sempre estar seguro
Busca efêmera solidez.
Quando pra trás olha, tropeça
E nem sabe no que caiu.
Mas só distante é infantil
Não vê o passo que começa.
Uma solução há, porém.
Viver aquilo que compensa.
Fazer da vida a coisa intensa.
Só o agora é o que se tem!

Categoria Estudiante

Melodias da vida (1o colocado)

Isabella Domingos Pereira Graciano

Na melodia da vida,
O tempo é ritmo constante
Do som da folha caída
Ao porvir do trovão vibrante.
Sussurrando entre os ramos,
Ouço suaves trinados.
Prendemos, cronometrados
Os pobres seres alados.
Nas canções das alvoradas,
Café quente a fumar,
Aves cantam inspiradas
Sem a gente reparar.
Ah... quanto disso vivemos?
Todo dia, melodias,
Por coisas fúteis, perdemos
Suas rimas e harmonias.
A melodia presente
Não irá mais se repetir
E disto consciente:
O que pode agora ouvir?

Tempo contraditório (2o colocado)

José Miguel Isidório de Oliveira

O tempo é um sentimento.

Mesmo passando lento,

Nos faz chorar,

Nos faz nos alegrar,

Nos faz sorrir,

Nos faz distinguir.

O tempo é contraditório,

Sempre provisório.

O passado é a lembrança
do tempo que foi a sumir

E o futuro é a esperança
do tempo que há de vir.

Tempo presente (3o Colocado)

EMANUELE DA SILVA LOURENÇO

O tempo é um mistério,
É novo e é velho,
É mais rico que o tesouro,
Uma voz de esperança.
Soa tão calmo
Como um leve passo de dança.
O tempo revela o que o olho não vê,
Traz à tona a máscara que há no seu ser.
E, mesmo que tente esconder,
O tempo é o espelho do nosso viver.

Tempo (Finalista)

Arthur Nagaé Figueiredo

Meu querido tempo,
Eu te enxergo como a um amigo
Não irei fazer-me seu inimigo.
Os que estão nos meus olhos
Serão lágrimas a escorrer.
Meu querido tempo,
Você sempre voa.

Para as pessoas, isso acontece à toa.
Tempo, meu rápido parceiro,
Como sempre, passa ligeiro.
Tempo veloz...
Estou tão distraído
Que, até nem ouço mais minha voz.
Sentir você passando, faz-nos perceber
Que as coisas vão mudando.
Tempo veloz...
Você tem bastante nobreza,
Mas o que importa é a sua destreza.
Com você, cada segundo que passa,
Faz eu querer também voar.

Presente apaixonante (Finalista)

Douglas Junior da Silva Isabel Ramos

Resta-nos somente o presente.
Nessa vida tão carente,
Vivo a recitar recitais,
A fim de roubar seu sorriso.
Por favor, roube-o também de alguém.
Roubarei os corações desnorteados.
Denunciarei as súplicas
De um povo ansioso.
Eu os farei encantar-se
Diante da presença da vida.
Dedicarei presentes a estranhos
E os amarei como a meus pais.
Irei me embriagar com a felicidade,
Farei os outros se embebedarem também.
Mergulharei em seus sonhos desesperados,
Abraçando-os como a um pai.

O tempo (Finalista)

Lavínia Generoso da Silva Neves

O tempo é um rio que flui sem parar
Leva momentos, sonhos e lembranças ao mar.
Ao ver os olhos castanhos de certa pessoa,
Não consigo prender o sorriso
Em que meu rosto quer ficar.
Vejo o tempo passar e percebo
Que não tenho tempo para bobear.
Te quero há um tempo
A todo momento
Não há tempo para esperar.
O tempo é este
E tenho que aproveitar,
Porque ele não é de aguardar.

O que vale é o presente (Finalista)

Lana Carla dos Santos Ribeiro

O passado se perde no esquecimento,
um sussurro preso em frágeis memórias.
O futuro é véu que aguarda o momento.
Não tem forma, só promessas transitórias.
O presente é o chão que pisamos agora,
o pulsar do instante que a vida aflora.
Não há peso no que foi nem no que vem,
só o agora é o tempo que nos convém.
Por que temer o que ainda não se fez?
Ou chorar o que o tempo já desfez?
No presente se constrói a nossa paz,
Viva o hoje que o resto não se faz.
Deixe o relógio, solte suas amarras,
Escravos do tempo, só nós que o faça.
Passado e futuro são sombras a vagar,
Só o presente nos leva a continuar.

Máquina do tempo (Finalista)

Maísa Yumi Schauer Mesquita

Este tempo rápido que já passou.

A maravilha deste dia em que já tanto se gabou,

Já acabou.

O tempo já foi mudado.

Mas, ainda assim foi continuado.

Então, neste mar de mudanças,

Guarde as suas lembranças.

O tempo de agora é passageiro (Finalista)

Taynara Gabriela Soares Tostes

Nós somos mensageiros
Deste tempo passageiro.
Comprovamos como é problemático
Este tempo não tão simpático.
O tempo é uma lebre
Que, às vezes, se torna enxebre,
Quando não nos avisa
Que não virá como uma brisa.
Devemos intensamente vivê-lo
E não apenas sobrevivê-lo.
Não podemos ser levados,
Para assim não ficarmos desnorteados.
Por mais ligeiro que pareça,
Merece que o vejam,
Para que, depois,
Bem lembrado seja.

Prosa

O outono dos revolucionários

Crônica
Leonor Vieira-Motta

Antes que fosse tarde, meses antes de transpor a barreira do octogésimo sétimo aniversário, o escritor se levantou da cama bem mais cedo do que o cedo habitual. Nesse dia, o Deus em quem ele não acredita, querendo ou não, haveria de lhe dar uma forcinha. Afinal, a ajuda divina é ou não é para quem cedo madruga? Em poucas horas, revisou poemas, romances, contos, crônicas e ensaios. Após organizá-los, os salvou com segurança no computador e por garantia no pendrive.

Rotina de uma manhã de outono, antes que fosse tarde, tarde demais para continuar vivendo.

*

Foram quase 90 anos de dúvidas aos milhares, afirma o ancião, amante do futebol. Para ele, elas são tão necessárias à vida quanto as certezas, se não mais! No entanto, admira o encontro, única certeza do rio e do mar. Sábio, compreende o fim, como certeza do pranto, do riso, do desencanto e da dor, mas ponta-pé inicial para a infinda jogada da memória.

*

Nas noites de segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo, ainda vejo a lua, afirma o escritor octogenário ao jovem que o entrevista. Impossível, o interpela o rapaz, argumentando que nem toda noite tem luar! A menos que o senhor esteja apaixonado, está?

Desde a mocidade, respondo o mesmo, nem, sim, nem não.

“Amor e paixão para mim são como o céu sobre a minha cabeça e a lua embutida nele, à mostra, ou não.”

De observá-la, não me cansei nesses 87 anos comemorados aos seis dias de março. Se for preciso, mesmo doente, ainda posso afastar tudo quanto é nuvem só para reverenciá-la e dizer a ela que estou aqui.

*

Aos domingos pela manhã, aproveitando o silêncio característico de vila, o seu morador mais antigo, às vésperas do nonagésimo ano, dá tratos operísticos às cordas vocais. Enquanto a molecada da vizinhança desce de rolimã a íngreme ladeira da rua, aprende com ele que a dona é móbile e o barbeiro de Sevilha.

*

Cansado de viver com um nó na garganta, o relógio centenário de bolso tiquetaqueia para lá e para cá, até se libertar da corrente e tomar pulso de cada segundo de sua preciosa e singular existência.

Recado de Primavera

Crônica
Saulo Soares

A Emanuel Xavier Bittencourt

“Meu amor não aceita fronteiras, como a primavera não escolhe jardim.”

Sylvio Rodriguez, poeta cubano.

O título não é meu. É do Braga. **Recado de Primavera** é uma bela crônica do mais carioca dos capixabas, do mais poético dos cronistas. O texto é uma carta endereçada a Vinícius de Moraes, já falecido. Braga relata a primeira primavera, desde 1913, sem o Poetinha. Fala do mar, das vagas, de passarinhos, azaleias e manacás. Conta que esteve em Blumenau e viu “em cada mocinha loira, uma esperança de Vera Fischer”.

Primeira primavera, disse. A etimologia faz as vezes de um anjo linguístico e revela o hálito original insuflado pelo homem no barro virgem das palavras. Primavera, etimologicamente, significa primeiro verão. Como se fosse ela a adolescência hormonal do tempo, as calientes primícias que enrubescem a face da Vida.

É inevitável, para mim, a lembrança de quando apresentei meus primeiros textos a um grande amigo, hoje saudoso, como outrora o fora Vinícius para o nosso cronista. Ele me disse: “Leia Rubem Braga”, a mim, que lia Vinícius. Há, de certa forma, um vai-e-vem de personagens, um virabrequim, um ciclo ou uma espiral em ascensão em tudo isto. É como completar um quebra-cabeça suspenso no ar, ou descobrir, nas estações do ano, as estações do Trem da Vida e, no Trem, o sorridente Maquinista.

“Primavera, a estação das flores”. Algum leitor – com algumas primaveras vividas – certamente lembrou-se desta frase enquanto se distraía com o texto, e recordou-se das carteiras escolares e dos temas das redações. Tempos primaveris.

Um dos mais belos escritos que li sobre flores é de Alceu Amoroso Lima, o célebre intelectual católico, Tristão de Ataíde. Diz o seguinte: “A flor é a infância do mundo vegetal. Elas são para a natureza física o que as crianças são para o mundo humano. São o brinquedo das árvores. E representam igualmente o que a arte representa para os homens e até a filosofia, segundo Aristóteles: a inutilidade, o contrário das coisas úteis, aproveitáveis. [...] Existe para a simples alegria dos olhos. Parece feita só para o nosso olhar. E por isso mesmo

traz um enorme descanso, como todas as coisas que não se dirigem a um fim utilitário. [...] Tudo isso aparentemente para nada. Para viver apenas.”

A doce utilidade da aparente inutilidade... para viver, apenas. Esta contraposição fez-me recordar uma frase de Marthe Robin, mística francesa, que durante mais de 50 anos, tetraplégica, alimentou-se “apenas” da Eucaristia (não mais podia deglutir): “Uma inatividade forçada pode se tornar – em Deus - uma atividade profunda...”

“Leia Rubem Braga”. Eu li, meu amigo. E me apaixonei. E vi flores. E li recados de primaveras e nas primaveras. E quis escrever como ele. E não pude. E não consegui. E chorei. E vi - eu, um carrapicho grudado no cadarço das Letras - que o chronos da crônica é a eterna matéria dos dias. Mas, se um consolo me resta, é o de ainda acreditar, como juntos, um dia, tantos de nós acreditamos “nas flores vencendo os canhões”. E cantar, com um ingênuo e, por isso, belo sorriso no rosto: "Vê, estão voltando as flores..."

Simplemente uma mãe

Crônica
Henrique de Paula Teixeira

Era oito horas da manhã quando Dona Ana Maria apoiava-se nos cotovelos sobre o parapeito da janela da cozinha. Era casa de barro, com paredes brancas de cal, janelas e portas de madeira um tanto envelhecidas, salpicadas de rachaduras tanto quanto a pele daquela senhora amorosa. As pálpebras caídas diminuíram os olhos, o pano amarrado à cabeça era costume do tempo do império (como ensinou Gilberto Freyre). Quanta magreza naqueles braços de mulata sofrida, que tristeza no olhar.

Na rua à frente uma vizinha que passava, tão apressada quanto os atrasados do ENEM, cumprimentou Dona Maria e perguntou-lhe:

- Por que você sempre fica nessa janela, Dona Maria? Faça chuva ou faça sol, pelo menos até às 18 horas. Sempre que vou ao trabalho a senhora está aí, como estátua angustiada, e quando retorno te vejo no mesmo lugar e posição.

- Sabe a senhora, vizinha, que so sorzinha com meus mininu e que o mundo tá perigoso. Fiu nosso não pode andar por aí sem adulto. No rádio da cozinha escuto morte o tempo todo. Fico aqui na janela vigiando.

- Mas, Dona Maria, como pode vigiar daí se eles estão longe, no colégio?

- Não sabe ocê que mãe sente coisa? Se eu ver o céu ficar preto ou um estranho de má intenção passar aqui pela rua, dá tempo de pular no pescoço dele e socorrer meus mininu.

- E quanto à casa, Dona Maria, como faz?

- Eu saio da janela de vez em quando pra fazer o armoço pros mininu e recebo aqueles tal de arxílio do governo. Dá pra gente comer, e pagar a luz. Desde que o meu marido faleceu, se não fosse tal ajuda nós estaria tudo na rua.

Ainda sólido o chão, fumando os ociosos pelas vielas, perfeitamente funcionando a corrupção, tudo estava no seu devido lugar. Então a vizinha despediu-se e se foi, que o leite dos meninos dela, num mundo de mães solteiras, ela também precisava conquistar.

Dona Maria era mais que uma mãe preocupada. Sua conformidade heroica com a dureza da vida a fez um símbolo aos passantes, que viam no sorriso sem dentes da mulata e no cheiro bom de comida ainda feita com banha de porco, algo artístico e histórico. Toda ela era um passado esquecido, porém ainda vivo, do Brasil de outrora. Com suas roupas de pano, comida saborosa, amor e simpatia de sobra, e resistências às dificuldades; em casa de barro, panelas foscas, móveis velhos que sempre rangiam, numa pobreza sem fim, sem instrução. A única atenção que teve do mundo lá fora, para além da vizinhança durante as fofocas, fora uma vez quando um repórter bonito, com botas engraxadas e carro elétrico filmou-a à distância; em verdade, filmou-lhe a casa, pois para ele e os jornalistas pouco importava a senhora, que ela não lhes dava IBOPE, nem publicidade, nem dinheiro, e cientes da fraqueza de meios daquela mulher, sequer lhe pediram permissão.

Alguém mais dado ao capitalismo e às ideias de lucro, competitividade e expansão do mercado, poderia enxergar Dona Maria como alguém incompetente, que não soube ter méritos para “subir na vida” e “ter sucesso”. Já olhos mais marxistas veriam-na como uma força revolucionária, alguém a ser cooptada para um movimento político ou fácil de comprar o voto, talvez 2 quilos de arroz fossem suficientes, para um determinado político. Os ateus, ironicamente presos numa religião sem Deus, não enxergariam nela mais que um amontoado de átomos aleatórios, desde o Big Bang, que já já deixará de existir. Os protestantes a veriam como alguém necessitado e, mais ainda, caso ela estivesse disposta a aceitar incondicionalmente o corpo de ideias deles, talvez até a ajudassem como “irmã”. Os jovens veriam-na como uma cena feia, repugnante, muito diferente do mundo virtual e das redes sociais, onde tudo é bonito, bem arranjado e nada envelhecido. Os mais velhos lembrariam do seu próprio passado, inevitavelmente entrando em conflito moral vendo o quão distante estariam do amor e conforto familiares iniciais que tiveram no início de suas vidas, algo quase completamente esquecido em dias de filhos rebeldes e com o Estado definhando as liberdades individuais. Alguém de mais intelecto, um membro da elite, tal como aquele jornalista bonitão, sentiria-se, no âmbito de seu conforto, obrigado a ajudá-la, de tanta pena que a feiura e a miséria lhe causavam, e sem pensar duas vezes iria até ela, com bolsos cheios de dinheiro em seu traje elegantíssimo, dar à Dona Maria dois ou três conselhos sobre a vida, à distância, claro, não se aproximaria muito.

Porém, virem arranha-céus as casas, de pedras surjam asfaltos, apressadas continuem as nuvens e modernos sejam os carros, nada fazia aquela mãe simplesmente sair da janela. Totalmente indiferente à maldade alheia, remanescente de tempos melhores, Dona Maria não precisava de mais do que admirar seus filhos, fossem eles gratos ou não, para viver. Por fim, poder-se-ia dizer que Dona Maria era algo já incapaz de ser reconhecido pelas outras pessoas: ela era, do topo de sua miséria, simplesmente uma mãe.

O que move as tramas dentro da literatura?

Crônica
Angela Alves Crispim

Todos nós já percebemos ao ler contos, romances, ficções, até mesmo em filmes, novelas, que sempre há um início explicativo da vida dos atores da ação, depois uma resolução estabelecendo uma caminhada, um mal-entendido para virar a história e no final a solução para o problema criado.

Na construção de uma história precisamos enquadrar o leitor/espectador, no esquema a ser construído, a partir daí enxertar e desenvolver os acontecimentos, as concessões, discórdias, lutas, discussões. E para tornar mais dramático o tema... um mal-entendido, engano, palavra mal interpretada, desvio, enfim, algo que altere um possível rumo da trama e faça duvidar quanto ao seu desfecho.

Invariavelmente, esse é o roteiro para se desenvolver uma história. Mesmo em livros puramente científicos, existe uma sequência de acontecimentos para contarem os fatos ocorridos, as dificuldades encontradas e, finalmente a conclusão do trabalho.

Não há como, é preciso envolver o leitor, ou expectador, para que ele possa caminhar pela mesma estrada percorrida pelos atores das cenas. Fazê-los sentir os dramas e incertezas de toda uma situação imaginada, ou ocorrida, conforme for o caso.

O poder das tramas dentro da literatura dá um sabor especial ao que está sendo apresentado, conseguindo agregar adeptos favoráveis ou contra esse ou aquele personagem. Existe, ainda, o poder da coerência dentro do conteúdo redigido, a fim de que se possa convencer a quem esteja na mesma caminhada imaginativa.

Tramas complicadas na vida real acontecem e são desagradáveis para quem as sofre, entretanto, existem e precisam ser entendidas e sanadas. Por isso, é tão intrigante ao leitor/expectador participar por um certo tempo do que está sendo apresentado, mesmo consciente de ser fictício, porque, a partir de suas experiências vivenciadas, será mais fácil observar e entender os dilemas criados. No fundo sabe que o escritor/roteirista dará

uma solução viável no final. E, se não for clara, do jeito que imaginou, ficará um desconforto, um descontentamento, quanto ao fechamento daquela trama. Ele não se sentirá satisfeito. Imaginará várias alternativas.

Alguns escritores/roteiristas experimentam essa face do inusitado dentro da literatura/filmes/novelas. E procuram mudar o direcionamento que torna o leitor/expectador mais confortável e confiante ao alterarem, com uma negativa, a expectativa de um final imaginado. Atuam como se fosse um desafio às conclusões quando propõem alternativas não esperadas.

Escrever, seja um livro, um roteiro para televisão ou cinema, exige concentração, pesquisa sobre fatos, emoções, desejos. Hoje os roteiristas de novelas pesquisam a opinião do público e adaptam suas tramas para o desejo da maioria. Fica estranho, mas é uma realidade, atender àqueles que acompanham a sua trama para manter a audiência seria o foco principal.

Diante dessa necessidade da competição televisiva, ficando em uma gangorra de vontades alheias e estranhas, indo para qualquer lado sem um objetivo criativo real, prefiro os livros, porque o autor não se tornou um refém da mídia popular ou jornalística. Ele coloca no papel aquela aventura que imaginou, abrangendo a época que escolheu, fazendo dos seus personagens elementos vivos na imaginação durante uma leitura.

Na literatura acontecem as tramas que envolvem a mente e nos fazem caminhar por trilhas possíveis para um desfecho, onde no final as pendências se esclarecem.

Através de histórias contadas ou relatadas nos livros, temos a oportunidade de caminhar por diversos universos, tanto literários, como fictícios ou históricos. Podemos entender o que se passou na caminhada da evolução da humanidade, como surgiu o homem, a vida no planeta, os feitos históricos, discutirmos sobre posições políticas e compreender os tortuosos caminhos das civilizações e suas crenças.

Podemos encontrar e usufruir da poesia da vida, das pessoas, seus sentimentos, dos conhecimentos que mais nos interessam: caminhar por locais estranhos de um passado ou futuro imaginado, descobrir fósseis, registros pictóricos e entender o processo de nossa existência sobre o planeta, navegar em águas profundas do oceano, nadar com golfinhos, alcançar o Himalaia, participar dos momentos trágicos de nossa trajetória, enfim podemos transitar por inumeráveis trilhas através dos olhos de seus autores.

O bom dessas tramas é... escolher a viagem que quer seguir e mergulhar nesse mar de ideias imaginativas.

Sonzo

Conto
Marcio dos Santos Medeiros

Pedro descia a ladeira de sua casa, pela manhã. Dia de sol, depois de vários dias de chuva, pareciam um presente dos céus. Ele detestava dias nublados, destes que você precisa ficar em casa para esperar passar. Todos esperam um dia destes para pôr as coisas em seu devido lugar ou botar os pensamentos em ordem. E ele tinha medo de tudo isso, principalmente de seus pensamentos. Mas passou bem pelos últimos dias de chuva. Tinha feito um pequeno estoque de bebidas e tira-gostos. Botou em dia os vídeos que queria ver e assim passou inerte no sofá e seguro mentalmente. Ficar sozinho não era bem o seu forte. Mas, desceu sua ladeira. Sorriso marcante no rosto.

Ele tinha muito sucesso com as moças. Um ar sedutor e um pouco cafajeste fazia uma mistura que muitas moças gostavam de olhar. Se ouvissem o papinho dele, então, era uma combinação bem forte. Muitas caíam em seus gracejos sem sequer perceber. Tinha lábia, aprendida pelos meandros da vida, já que o mundo lhe deu várias dificuldades. Usava tudo isso para se dar bem e ter pouco trabalho. A malandragem circulava em seu sangue. Adaptava-se a tudo e a todos. Só não ia bem quando tinha de se enfrentar, de encarar de frente todos seus pensamentos. Mas isso demorava a acontecer pois estava sempre bolando algo para ganhar seus trocados e cair nos braços de alguma moça bonita.

Pedro passava sempre pela mesma rua. Na sua ladeira, passava discreto, mas era motivo de olhares. Naquela ladeira havia personagens marcantes, tal como ele. Cristiano, um jovem com necessidades especiais, sempre ficava pela janela, numa casa situada quase no meio do caminho.

Simpático, a todos que ali passavam dava seu bom dia, mas parecia pular quando era a hora de Pedro passar. Ele murmurava algo que Pedro nunca conseguiu ouvir, por mais que tentasse. E isso deixava a mente dele inquieta, pensando no que Cristiano havia dito. Isso o torturava, aliás.

A mãe de Cristiano, uma jovem e bela senhora, sempre muito discreta e quieta em casa, resmungava com Cristiano alguma coisa e voltava a suas tarefas.

Pedro seguia sua vida. Conseguia seus trocados, geralmente os gastava galanteando alguma moça, que o acompanhava para casa e logo depois sumia da vida dele, ou ele sumia da vida dela. Assim levava seus dias, parecendo não se preocupar muito com o que seria de

seu futuro. E ele repetia tudo sempre igual. Pela manhã, descia sua ladeira de novo, para batalhar seu novo dia, de preferência na sombra com água fresca.

Ladeira descida, novamente Cristiano resmungava algo de Pedro, de maneira incompreensível para quem estava na rua e a vida seguia. Mas hoje seria diferente. Pedro se aproximou de Cristiano e lhe deu bom dia. Ele assentiu com a cabeça, sem cara feia. Pedro começou a puxar assunto e logo sua mãe apareceu na janela. Espantada com aquele belo moço conversando com seu filho, entrou no diálogo para ver o que acontecia. E o que aconteceu? Um bate papo animado. Pedro entrou. A mãe de Cristiano ofereceu-se de fazer um suco. O garoto ficou na janela, recusou a oferta e disse que preferia continuar ali na janela olhando a rua.

Pedro, experiente galanteador, tomando suco sozinho com uma jovem senhora que ainda tinha seu encantos... Demoraram bastante na cozinha. Cristiano parecia não se importar ou não prestou atenção, pois passava o dia sozinho na janela, conversando com um ou outro, como distração. Era quase no almoço que começou novamente a ouvir vozes dentro de casa, com Pedro agradecendo a hospitalidade, o suco e o bate papo. Foi se despedindo, com um abraço demorado o suficiente para que Cristiano pudesse reparar. Fez uma cara como se tivesse provado algo muito azedo, como um limão. Pedro foi se despedindo e saiu da casa, passando pela janela de Cristiano, que ainda sim, não lhe respondeu o bom dia, mas ouviu ele dizer “Sonzo”.

Num ímpeto, Pedro conseguiu entender o que Cristiano sempre lhe disse e ele nunca havia entendido! Saiu rindo e agora tudo fazia sentido. A mãe de Cristiano não percebeu, mas ele sabia mais de Pedro do que muita gente achava que sabia, incluindo sua mãe e muitas outras moças.

O sol no Japão

Conto
Saulo Soares

Sentiu pena de si. Olhou-se como se fosse outro, o outro. E olhou-se com amor, com compaixão e piedade, como se olham os bichinhos, os que não sabem da inescapável finitude da vida.

Após o último gole, colocou o copo na estante sobre um guardanapo com um nome e um número de telefone escritos, em meio aos livros e o cinzeiro repleto de baganas. Uma delas ainda trazia o batom da mulher da noite anterior. Retirou-a com cuidado e a colocou em pé, na vertical, na mesa de cabeceira, como uma pilastra cambaleante de um invisível castelo. Deitou-se fixando longamente o olhar no filtro do cigarro. Adormeceu.

Sonhou com o velho e falecido pai e seu fusca vermelho. Acordou apneico. Passou a mão pelos cabelos e lembrou-se das viagens que faziam, das idas à praia, do enjoo nas curvas da Serra e da vez que queimou a panturrilha no escapamento do carro. Ah, isso lhe rendeu uma cicatriz em forma de meia-lua que ele carregava orgulhoso de não ter chorado. Era seu dístico, um sinal de iniciação no mundo dos homens que não choram.

O fusca era sua nave espacial. O pai abria a porta, retirava a chave e o deixava brincar com os botões do painel. Quando saíam, ele usava o quebra-vento como uma espécie de leme – bombordo, estibordo - abrindo-o e fechando-o conforme a tangente das curvas. Era uma viagem dentro de outra viagem.

Quando pegavam a estrada no fim-de-tarde, o sol no horizonte, pedia para o pai acelerar para que não anoitecesse. Quem sabe, se fossem rápidos, chegariam ao Japão,

onde, a essa hora, já devia estar amanhecendo, com seus passarinhos de olhos pequenos cantando em japonês e comendo sementes e frutas com *hashi*.

Resoluto, olhou no aplicativo do clima o horário do pôr-do-sol naquele dia: 17h36. Era outono, um friozinho de nada, um céu limpo. Ainda é noite no Japão, mas logo amanhecerei lá, pensou sorrindo.

Pegou um velho mapa rodoviário – gostava de mapas e de selos – comeu às pressas, vestiu seu casaco, saiu em direção da velha estrada. Algumas horas depois e lá estava ele, na rodovia afetiva com o sol a lhe esperar no horizonte. Saiu do carro, levantou a barra direita da calça e encostou sua outra panturrilha no cano de descarga. A dor lhe pareceu menor quando era criança. Desta vez chorou.

Acelerou. Partiu disposto a desafiar as tais Leis do Universo. 120, 130, 140, 150. Via a claridade por debaixo do tapa-sol. Lembrou-se do quebra-vento do velho fusca e levantou, como um leme suspenso no teto do carro, a proteção para a vista. Encarou o sol e todo seu cegante esplendor. Fechou os olhos, virou o rosto e, por um instante, achou que tivesse perdido o controle do veículo. Sentia o mundo rodar, gelado pelo susto.

Resolveu parar no acostamento. Olhou no espelho a palidez do seu rosto. Saiu trêmulo, flutuante do veículo. Andou uns poucos metros e viu no horizonte o sol se pondo e contornando a silhueta de um automóvel vindo em sua direção.

Olhou para trás e viu seu carro destruído. Olhou para a frente, franziu os olhos e a testa e, mirando o homem que vinha ao seu encontro, reconheceu-o pelo sorriso. Pai...

A moeda de ouro

Conto
Lucia Araujo

Aos quarenta anos, Marcos um solteirão morava sozinho no velho casarão da família, um casarão estilo colonial da época do Brasil Império construído em 1830 com dois andares, uma admirável construção muito bem conservada com suas paredes brancas e janelas azuis. O andar de cima era a sua residência, com seis portas na parte frontal que se abria para uma sacada de frente para a Praça do Coreto. Os salões do térreo tinham sido adaptados e alugados para pequenas lojas, entre elas um antiquário e uma livraria.

Era noite de verão Marcos abriu a janela de seu quarto, deitou-se e ficou olhando a lua cheia. Por instantes, seus pensamentos o levaram ao passado, ao tempo de criança. Via-o brincando na Praça do Coreto, com sua mãe o observando da sacada. Perdido nestas doces lembranças adormeceu e sonhou, mas não com a praça ou com seus pais, sonhou com um velho tio.

Pela manhã Marcos ainda estava pensativo com aquele sonho, quanto tempo se passara, tanto que ele havia esquecido o seu velho tio e suas histórias.

Era apenas um menino quando o viu pela primeira vez: um velhinho de tez branca e cabelos brancos que fumava um cachimbo feito de barro e usava chapéu de palha. Carregava sempre consigo uma pequena foice, que mais parecia um brinquedo. Estranhamente as lembranças de garoto e de seu tio avô apareciam forte. Lembrou-se da noite em que ele chegou trazendo um grande baú. Sua mãe arrumou o quarto de hóspede e o velho levou o intrigante baú colocando-o ao lado da cama. Não disse nada e nem sua mãe perguntou. Só o menino ficou curioso.

Quando todos se recolheram Marcos viu que havia luz no quarto de hóspede, e caminhou para lá entrando sem bater. O velho estava com o baú aberto e este estava cheio de moedas de ouro. Os olhos do menino brilharam com a beleza daquelas moedas e eram tantas que se atreveu pedir uma ao velho, que fechou rapidamente o baú e a cara também. Nunca soube onde foi parar aquele baú com tantas moedas.

O dia passou rotineiro e a noite chegou. Contrariando o verão estava mais frio. Marcos se recolheu, porém custou a dormir o pensamento voltava sempre para o episódio vivido no quarto de hóspede.

Onde foi parar aquele baú? Pensava...

Quando adormeceu acordou sobressaltado com batidas na porta de seu quarto. Pulou da cama e abriu a porta e estranhamente não havia ninguém.

Nas noites seguintes o estranho episódio continuou perturbando seu sono.

Deixando sua costumeira discrição de lado, ele contou o que o estava deixando perturbado à sua empregada Matilde, uma senhora de quase sessenta anos que trazia em si toda sabedoria popular, com suas crendices e seus costumes. Ele queria saber se porventura ela estava batendo à porta de seu quarto. A mulher respondeu:

— Não senhor! Como sempre fecho tudo logo que o senhor se recolhe e vou embora.

Marcos mais intrigado ainda, conta sobre as misteriosas batidas na porta e sua súbita lembrança do velho tio que não o deixava desde que, voltara da última viagem.

A mulher se benze.

— Sei que você não acredita, mas eu acho que é seu tio que está tentando falar com você através do sonho.

Marcos realmente não acreditava nas crendices populares, mas se foi ele que quis desabafar suas aflições com ela, agora ela merecia ser ouvida.

— Olha teu velho tio tem alguma coisa a te dizer para descansar em paz, você tem que ouvi-lo e eu posso te ajudar.

Ele concordou.

A noite chegou e com ela o ritual que Matilde preparou: colocou umas ervas em um defumador defumou o quarto, a cama, os objetos, a porta e o próprio Marcos. Depois fez com que ele repetisse algumas palavras ao mesmo tempo em que, com um ramo ela o benzia. Marcos sentiu-se bem aquela noite, dormiu e não teve sonho algum.

Um mês se passou e quando ele regressou de mais uma viagem a trabalho estava muito cansado. Foi para o quarto, tomou seu banho e se enfiou na cama. Ouviu novamente as batidas na porta, acordando sobressaltado.

Novamente saindo de um passado distante as lembranças do velho tio avô tirou seu sono. Quando conseguiu dormir já clareava o dia.

Passou o dia pensando nos conselhos de Matilde, a velha e enigmática empregada. Decidido acabar com aquele mistério resolveu seguir seu conselho.

Mais uma vez logo que se recolheu e apenas pegara de leve no sono, ainda em sua primeira fase, ouve as batidas na porta. Desta vez não se sobressaltou. E apenas disse:

— Pode entrar!

Ouviu a pesada porta de madeira ranger abrindo devagar mostrando à figura de um velho branco, com seu chapéu de palha e uma foicinha na mão. Era seu tio avô que o observava sem nada dizer, depois tirou uma moeda de ouro do bolso e estendeu a Marcos.

Na manhã seguinte ele conta a Matilde o sonho e de como foi diferente prosseguindo até que o velho tio lhe entregava a moeda.

Matilde diz:

— Seu tio avô deixou um tesouro em algum lugar, e quer que você fique com ele e só vai descansar em paz depois que você o achar.

E o mesmo sonho se repetiu nas noites seguintes. Na última noite o velho ao estender a moeda a Marcos estava com o rosto cheio de lágrimas. Desta vez acordou cansado e não conseguia parar de pensar no que a empregada falou, ele tinha que fazer algo para o velho ficar em paz.

Procurou a empregada e ficou sabendo um pouco mais da história de seu tio avô: ele morava sozinho desde que sua mulher morreu de parto e nem a criança sobreviveu. Sempre morou

no mesmo lugar perto da linha de trem onde havia uma estação, que foi desativada quando as lavouras de café da região foram sumindo. A região caiu em decadência, só ele resistiu a tudo continuando ali sozinho num casarão caindo aos pedaços. Por fim um temporal acabou com parte da ferrovia, mas ele viveu lá até a morte.

Na manhã seguinte mal o sol tingiu o céu Marcos saiu em seu jipe com pás, enxada, facão e tudo que precisava para enfrentar a mata. Seguiu na direção onde morou o velho. Não sabia se estava ficando louco, só seguia o que seu coração mandava. Anoteceu, parou o carro e se acomodou. Dormiu e sonhou novamente com o velho tio, só que desta vez ele estava sorrindo ao entregar sua moeda de ouro.

Acordou com o sol batendo no rosto. Desceu do carro e caminhou pelos trilhos, até encontrar às ruínas da velha estação. A lembrança de sua mãe e das orações que fazia para ele dormir apareceu em sua mente do nada, o coração batendo mais forte. Continuou seu caminho e num dado momento seu facão bateu em uma pedra. Limpou o local tirando o mato e percebeu que se tratava de um alicerce. Ele acabava de achar o velho casarão do seu tio avô.

Andou sobre as pedras do assoalho que ainda estavam intactas. Ao pisar em uma delas, esta se moveu, estava solta. Com esforço empurrou-a usando um pedaço de pau como alavanca. Arregalou os olhos assustado com o que viu: era a entrada para um porão.

Estava exausto, mas continuou abrindo caminho até que, a luz da lanterna iluminou um velho baú, cuja madeira de lei apodrecida pelo tempo deixava a mostra as reluzentes moedas de ouro.

Três microcontos

Edmilson Naves

Desnuda

Todo dia ele enviava um pequeno poema de bom dia para uma linda mulher e nunca havia recebido uma resposta de agradecimento. E por meses continuou a enviar os pequenos poemas e nunca recebia resposta. Então, certa manhã não enviou, na manhã seguinte também não e nem nas outras. Após uma semana recebeu uma mensagem de bom dia que dizia: - sinto falta dos meus poemas, atualmente nem tenho me desnudado sobre minha cama para lê-los, já não tenho fome nem prazer para começar meu dia e sinto uma grande tristeza pela falta do seu amor.

Peidinho

Um torneio de futebol foi organizado para um domingo de verão na pequena cidade do interior. De fora da região somente uma equipe foi convidada era o Ameriquinha viria da Baixada Fluminense. O ônibus chegou a manhã estava quente, desceram umas quarentas pessoas, entre jogadores, torcedores e familiares, cinco deles já se posicionaram na lateral do campo com seus tambores e já iniciaram a marcação. Pouco tempo depois o juiz apitava o início da partida, seriam trinta minutos para cada lado. No time convidado o camisa 10 era um sujeito gordo, manequim XGG com uma barriga em forma de bola vestindo uma camiseta que parecia ser de tamanho P que mal cabia nele. Bola rolando e aos quinze minutos do segundo tempo o atacante chuta de fora da área e a bola entra lá na gaveta, a pequena torcida explode num grito de gol e os tambores ritmaram o nome do artilheiro “Peidinho, Peidinho, Peidinho...”.

Duas horas depois volta o time para o segundo jogo e se ganhasse estaria na final. Novamente Peidinho cabeceia de dentro da área faz um gol e é novamente ovacionado.

Fim de tarde jogo final, Ameriquinha e o time da cidade, tempo de jogo e prorrogação sem gol, pênaltis. Empataram nos pênaltis e o último chute seria do artilheiro Peidinho, ele posicionou a bola deu sete passos para trás correu e bateu para fora. Os tambores calaram, o artilheiro colocou as mãos na cabeça e acenou para sua torcida pedindo desculpa. A torcida local gritou em coro “... fez merda Peidinho!”

Lembrança

Mesa de bar, amigos reunidos tomando cerveja numa tarde de sábado, a idade dos componentes da mesa redonda variava de vinte a setenta anos. Depois de muitos casos e muitas risadas um dos rapazes relembrou a infância numa época que tomava banho de rio, então iniciou uma roda de lembranças e saudades de tempos passados. Um lembrou-se dos passeios de bicicletas, outro das férias na fazenda do tio onde corria atrás de macacos pela mata e quando chegou a vez do seu Beto que estava na casa dos setenta anos, ele tomou o copo nas mãos e bebeu um grande gole que secou o copo e franzindo a testa como se buscasse a imagem da lembrança exclamou com a voz calma:

- Eu amei uma Eleonora na minha juventude e ela era muito bonita.

O grupo ficou em silêncio e de repente ergueram os copos brindaram e gritaram Eleonora, Eleonora, Eleonora...

O estranho e seus cães

Conto
Angela Alves Crispim

Ele passou ao meu lado conversando animado, com palavras em tom baixo. Seus passos eram firmes indo em frente, em direção a algum lugar.

Ao ouvir suas palavras me assustei, sem saber com quem estava falando. De imediato percebi que conversava consigo mesmo... ou com os dois cães que o seguiam de perto. Era, sem sombra de dúvida, um morador de rua, mas estava razoavelmente limpo, não trazendo em sua aparência aquela cor comum em suas roupas.

Os cães, seguiam os seus passos e obedeciam às suas ordens a abanar as caudas contentes e tranquilos. Vez por outra ele dizia algo para os animais fazerem. Caminhavam próximos aos seus calcanhares, indo e vindo de um lado a outro, cheirando vários pontos da calçada. Eram pretos, não muito grandes e de uma raça indefinida. Acompanhavam fiéis a trajetória do dono.

O estranho possuía uma idade indefinida, não sendo velho, nem jovem. Em seu caminhar parecia resoluto, com o objetivo premente de chegar a algum lugar. Trazia na mão direita uma pequena garrafa de cachaça. Deveria ser a sua opção para vários momentos no decorrer de seu dia.

Indicava não se ligar a coisa alguma, ou às pessoas a passarem ao seu lado. Estava envolvido em seu próprio mundo, seja lá qual fosse. Só queria caminhar para chegar a algum tipo de lugar.

Observei em silêncio, por instantes, a sua conversa desconexa. Parecia não estar ligado ao presente, passado ou futuro. E sem ter uma conexão ao redor se mantinha alheio. Apenas ditava ordens aos animais, ou conversava como se tivesse alguém imaginário ao seu lado.

Caminhava decidido, sem qualquer preocupação a detê-lo, como se fosse o mais livre dos seres, totalmente isento de obrigações. Com certeza a nada queria se prender. Abandonou seu passado e vivia o seu presente como um espectro desligado, sem quaisquer ambições de um retorno às prisões de uma vida cotidiana.

Com toda a certeza era um morador de rua, sem pouso certo, contingências e obrigações. E, como tantos outros, não tinha um rumo certo ou pretensões que o pudessem prender e estabilizar em um local ou tempo certo. Pelo menos, naquele momento da manhã a se iniciar, andava com destreza para algum lugar.

Como a maioria, deve ter abandonado o seu mundo conhecido e passou a vagar sem destino, fronteiras, vivendo em sua própria esfera elementar, abraçando diferentes exigências, dependências, necessidades, se negando em aceitar as contingências comuns da realidade que nos exige e estabelece limites.

Ele caminhava com uma garrafa pequena de cachaça na mão direita, conversando com um amigo imaginário, dando ordens para os cães o seguirem em seu vagar.



*Ensaio &
Trabalhos Acadêmicos*

O uso da interdisciplinaridade no letramento literário

Graziela de Andrade Ferreira

Joyciane de Aguiar Belo

Helena Lerner de Oliveira¹

Ana Cristina dos Santos Malfacini

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar as razões do pouco uso da abordagem interdisciplinar no letramento literário, analisar como essa lacuna impacta o desenvolvimento crítico e criativo dos alunos e apresentar reflexões construtivas. O processo de apropriação da leitura deve ser compreendido para além de um momento específico e isolado ao discente. É preciso que seja aplicada às questões sociais e da vida, não somente na linguagem, propriamente dita. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com base em obras que discutem a importância da integração de diferentes áreas do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem (Fazenda, 1994; Lenoir 1998; Medeiros, 2009; Moreira, 2002). Uma survey com 26 jovens (11-17 anos) revelou que a obrigatoriedade e o desinteresse pelo conteúdo são principais motivos de afastamento da leitura. Sugere-se uma abordagem lúdica, como rodas de conversa e encenações, para despertar o interesse dos estudantes. Os resultados apontam que 42,3% dos participantes preferem uma roda de conversa para discutir o livro. Conclui-se que a interdisciplinaridade e a abordagem lúdica são essenciais para despertar o interesse dos estudantes pela leitura e promover o letramento literário.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Letramento literário. Ensino. Aprendizagem. Metodologias pedagógicas.

Keywords: Interdisciplinarity. Literary literacy. Teaching. Learning. Pedagogical methodologies.

¹ Autora correspondente: helenalerner1@gmail.com

1. Introdução

Rildo Cosson (2006) disserta em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* a ideia da literatura nas escolas como um objeto de estudo de dois parâmetros: o que é necessário que o aluno leia por simples formalidade e pelo ato exclusivo de ler, podendo os livros carregarem ou não conteúdos de relevância nos estudos regulares da literatura no sistema educacional, e a leitura do que “realmente importa” na perspectiva da literatura curricular. Outrora, a leitura fora um dos poucos meios de distração em casa: por livre e espontânea vontade ou por motivos que obrigassem os jovens a ficarem em suas casas, os livros eram artifícios de lazer convencionais. Alguns sempre gostaram de ler, outros sempre detestaram, mas o que realmente envolve a proposta deste artigo é o meio termo: aqueles que *desenvolveram* o gosto pela leitura.

Hoje em dia, diferentemente de décadas e séculos passados, os jovens de classe média desfrutam de uma diversidade de entretenimento caseiro: acesso a plataformas de *streaming*, videogames, redes sociais, tanto para assistir às produções (de relevância questionável, muitas vezes) de criadores de conteúdo nacionais e internacionais quanto para conversar com amigos, tutoriais de qualquer interesse imaginável etc. Com a tecnologia, a leitura fez-se secundária em casa - não que nenhum jovem goste de ler nos dias de hoje, mas a partir do momento que há mais alternativas, o grupo de leitores é afunilado. O que difere quem gosta de ler de quem não gosta é o motivo: *por que ler?*

É possível que a resposta de quem gosta seja “*porque nutre a alma.*” e que, de quem não gosta, seja “*porque é preciso.*”; e é nesse momento que a literatura obrigatória das escolas entra em cena. Normalmente, o que é obrigatório ser feito não é de interesse do obrigado, junta-se isso com um livro escrito por um autor com uma centena de anos de diferença dos alunos. Isso costuma ser desinteressante até mesmo para leitores ávidos, então, para quem não tem o hábito de ler, cria-se uma aversão e distanciamento da leitura por parte do aluno, desencadeando, conseqüentemente, fraca performance acadêmica (o que o desmotiva ainda mais). Então retorna a pergunta, mas voltada para a literatura nas escolas: *por que ler os livros que a escola passa?* E, em um instante, a resposta dos que gostam e que não gostam de ler, coincide: “*porque é preciso.*”

De acordo com o conteúdo, as atividades envolvidas oscilam entre dois extremos: a exigência do domínio de informações sobre a literatura e o imperativo de que o importante é que o aluno leia, não importando bem o que, pois a leitura é uma viagem, ou seja, mera

fruição. E não é só de respostas que vivem os estudantes, mas também de perguntas: *Sei que preciso, mas por que preciso?*

Os livros lidos em sala ou em casa como leitura obrigatória une, via desagradado, a geração atual a gerações de décadas anteriores: todos leram os mesmos livros, ou pelo menos outras obras do mesmo autor. Se música, roupas, estilo de vida e tecnologia evoluem ao longo dos anos, por que a literatura não faz o mesmo? Essa é a linha de pensamento de quem ocupa a posição de aluno, e aí nasce o equívoco de que a literatura está estagnada há mais de uma centena, quando ela, assim como todos os outros exemplos mencionados, também evolui.

A visão dos livros por parte de quem aprende é aquilo que a escola ensina; se a escola passa apenas leituras de livros antigos, como o aluno que não tem o hábito de ler saberia que esses não são os únicos? E, se a leitura obrigatória não o motiva a continuar lendo após a escola, o que pode fazer esse trabalho? Nesse momento, apresenta-se o chamado letramento literário, que consiste em apresentar a leitura ao aluno não só como “Isso é Romantismo” “Aquilo é Realismo”, “Hoje, Parnasianismo!”, mas como um estilo de vida que constrói o estudante não apenas na figura de estudante, mas como pessoa.

Graça Paulino (1998), criadora do termo, acreditava que, a fim de haver completa compreensão de um livro, é necessária, primeiro, a introdução do aluno ao universo literário com atividades que o permitam se identificar com uma obra, e quase 100% das vezes, o livro escolhido pelo aluno não será *Senhora*, de José de Alencar; talvez uma história em quadrinhos, na qual o aluno tenha um estímulo visual (mais imagens, menos palavras, mais interativo e, portanto, mais motivador), para depois apresentar outros modelos de literatura. A relação aluno-leitura fica mais harmônica a cada passo e pode florir um pensante crítico e um leitor.

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. A partir disto, entende-se que, diferentemente da literatura apresentada em sala, o letramento literário não tem como principal objetivo a aprovação no vestibular, mas a evolução (ou melhor, transformação) de

alguém que antes existia para alguém que vive e respira conhecimento sobre si e seu arredor através de livros.

2. Fundamentação teórica

De acordo com Paulino e Cosson (2009), o preconceito que a literatura sofre está atrelado ao método de ensino utilizado. A ludicidade não é aproveitada e os docentes seguem trabalhando por meio de memorizações, o que não comporta todos os aspectos literários de um texto. Todorov (2009) explicita que as aulas de literatura são meramente teóricas e têm por objetivo obrigar os estudantes a lerem obras indesejadas.

Assim, a preocupação dos professores com o extenso conteúdo de literatura que deve ser transmitido aos alunos, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, frequentemente faz com que o prazer proporcionado por uma obra, por meio da exploração de seus significados, seja negligenciado. Isso ocorre devido à limitação da carga horária, que restringe as possibilidades de abordagem mais aprofundada, além da eventual desmotivação dos docentes em despertar o interesse pela leitura. Tal desmotivação é agravada por diversas situações desfavoráveis encontradas em sala de aula, que comprometem a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Todorov (2009), para que os alunos se interessem pelo texto literário, não basta limitar-se às questões teóricas. É essencial trabalhar também a compreensão do texto de forma que seus significados sejam transmitidos de maneira envolvente e proveitosa. A leitura deve ser inserida em um contexto significativo, permitindo ao aluno reconhecer a si mesmo e o mundo ao seu redor. Dessa forma, ele pode perceber diferentes vivências e dinâmicas, ampliando sua visão para além daquilo que já está acostumado a observar.

Conforme destaca Todorov (2009, p. 89):

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico de literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos.

Segundo Fazenda (1994), a interdisciplinaridade é uma abordagem eficaz para promover a construção de sentidos, permitindo que os alunos sejam conduzidos a uma compreensão mais ampla da condição humana. Isso ocorre porque essa perspectiva promove o diálogo entre diferentes disciplinas, possibilitando a criação de contextos significativos que despertam interesse pelo estudo da literatura e incentivam a prática da leitura literária.

Ao longo da trajetória escolar, os trabalhos interdisciplinares são indispensáveis para a formação de leitores. Isso se deve ao fato de que a literatura aborda experiências humanas diversas, que se conectam e estão presentes em várias áreas do conhecimento.

A leitura de obras literárias permite enxergar o mundo sob uma perspectiva singular, que interage continuamente com diversas referências culturais e científicas. Por isso, ao desenvolver um projeto voltado para a leitura de literatura, é tanto apropriado quanto benéfico incorporar elementos de outras disciplinas. Essa prática pode trazer resultados significativos para os alunos, como apontado por Paulino e Cosson (2009, p. 16):

Todas essas e outras práticas devem ter como horizonte a formação de um sujeito da linguagem, de um produtor de textos, de um leitor que tenha a competência de interagir com a literatura em várias frentes, selecionando livros, identificando diferentes suportes com seus intertextos e articulando contextos de acordo com seus interesses pessoais e da sua comunidade. Acima de tudo, deve ter como objetivo último a interação verbal intensa e o (re)conhecimento do outro e do mundo que são proporcionados pela experiência da literatura. É isso que torna a literatura tão importante para o desenvolvimento cultural do ser humano. É isso que significa apropriar-se da literatura como construção literária de sentido. É isso que constitui o letramento literário dentro e fora da escola.

Assim, o letramento literário desempenha um papel essencial na formação de indivíduos críticos, capazes de fazer escolhas conscientes que vão além do campo literário. Por meio da interdisciplinaridade, essa formação pode se tornar ainda mais efetiva, uma vez que a literatura permite estabelecer conexões com outras disciplinas, sejam elas das ciências humanas ou exatas. A integração entre as áreas do conhecimento, aliada à adaptação do cronograma para evitar prejuízos no aprendizado de conteúdos essenciais, favorece aulas mais dinâmicas e trabalhos significativos, que ultrapassam o simples objetivo de memorização. Lenoir (2008, p. 57) afirma:

Desse modo, a interdisciplinaridade curricular requer, de preferência, uma incorporação de conhecimentos dentro de um todo indistinto, a manutenção da diferença disciplinar e a tensão benéfica entre a especialização disciplinar, que permanece indispensável, e o cuidado interdisciplinar, que em tudo preserva as especificidades de cada componente do currículo, visando assegurar sua complementaridade dentro de uma perspectiva de troca e de enriquecimento.

Dessa forma, a interdisciplinaridade surge como um recurso valioso para preservar e fortalecer o ensino de cada área do conhecimento, permitindo que elas se conectem e se apoiem mutuamente. Essa integração contribui para tornar o aprendizado mais envolvente, interessante e relevante para os estudantes. Ainda, a prática interdisciplinar não favorece somente os alunos:

Todos ganham com a interdisciplinaridade, primeiramente pelo conhecimento recuperar sua totalidade e complexidade; os professores pela necessidade de melhorarem sua interação com os colegas e repensar da sua prática docente; os alunos por estarem em contato com o trabalho em grupo, tendo o ensino voltado

para compreensão do mundo que os cerca; por fim a escola, que tem sua proposta pedagógica refletida à todos instante e ganham como grandes parceiros a comunidade, porque o entendimento do mundo que está inserido os alunos, partem do princípio de se ouvir também a comunidade. (Medeiros, 2009)

Um excelente autor para trabalhar a interdisciplinaridade em sala de aula é José Huguenin, doutor em Física e professor universitário. Além da carreira acadêmica, Huguenin é escritor e poeta, integrando a Academia Volta-redondense de Letras e a Academia Fluminense de Letras. Sua obra literária de interesse para esse artigo tem o título *Universalidades* (2014) e explora a interseção entre física e poesia.

A Física, no Ensino Fundamental, é uma disciplina integrada a Ciências da Natureza, abordando noções introdutórias de fenômenos naturais e tecnologia de forma simples e prática. A abordagem é adaptada para despertar o interesse das crianças e desenvolver habilidades de observação, questionamento e compreensão do mundo físico.

Dessa maneira, as poesias do livro *Universalidades* integram Física e Poesia e é uma ferramenta poderosa para o letramento literário interdisciplinar, pois conecta perfeitamente diferentes áreas do conhecimento. No início do livro, Huguenin cita Ildeu de Castro Moreira (2002):

“Ciência e poesia pertencem à mesma busca imaginativa humana, embora ligadas a domínios diferentes de conhecimento e valor ... Na origem desses dois movimentos, as incertezas de uma realidade complexa que demanda várias faces que podem transformar-se em versos, em gedankens ou ser representados por formas matemáticas.”

Assim, os poemas do livro, ao integrarem conceitos científicos com expressões poéticas, desafiam os alunos a interpretar textos que combinam abstrações da Física com metáforas literárias. Os estudantes são incentivados a explorar múltiplos significados, conectando ideias científicas (como gravidade, universo, dilatação), às emoções e reflexões humanas, como é possível conferir abaixo:

Figura 1: Poesia Universo

Universo

Ponto.
 Eis o que eras
 quando a luz se fez
 com a grande explosão.
 A essência da vida gerava assim,
 por ação de estranha força, a unificação.
 Uma vez unificado, tu foges para todo lado
 e, fluido, te espalhas no espaço-tempo recém-criado.
 A essência tão próxima, sujeita àquilo que não a deixa escapar,
 começa, então, mágica, esplêndida e apoteoticamente o mistério do criar.
 Numa pequena fração de tempo cria-se a base de tudo, aniquilam-se o *anti* e o *ser*,
 as partes vão criando o todo e se afastando, mas uma força que as une a essência fez nascer.
 Tal força, grave, atraente, intensa, vai fazendo as partes maiores, que se transformam, se fundem,
 passam a iluminar, deformam o espaço-tempo, afastam-se aceleradas, azul e vermelho se confundem.
 Chegam ao inalcançável, abrindo caminho, galáctico, espiral, como um tapete sobre o nada que é o todo.
 Mas até quando irão tão longe se a força que as une não para e puxa-lhes para o lugar de onde vieram?
 Estarrecidos, teremos notícias do dia em que as partes pararam e, sob ação da força que une, voltaram.
 Aceleraram, agora, para o encontro, no rastro de onde passaram, como um filme rodado ao contrário,
 se aproximam, se atraem, a grave força aumenta e as apressa para o encontro cataclísmico.
 Trilhas o caminho anterior vendo a ti mesmo, o âmago iluminado, luz aglomerada,
 no centro de tudo, ofuscante, radiante, quase estática, pelo ser aprisionada.
 E por assim estarem, tão próximas, íntimas, as partes irão se fundir,
 a essência ressurgir, mãe, o ser se aniquila. O *anti* volta a existir.
 Antes espalhado, estarás, no centro de tudo, concentrado.
 O espaço-tempo diferente, mais que deformado,
 permite a ti, antes infinito, diminuir-se
 a quase nada, pronto.
 Voltarás a ser
 ponto.
 Eis o que serás
 quando a luz se fizer
 com a nova grande explosão...

Fonte: HUGUENIN, José (2014)

Figura 2: Poesia Gravidade

Gravidade

Faz cair a
 maçã.

Faz
 o mundo girar em
 torno do Sol e mudar
 a estação sem
 vermos

Mantém-nos seguros, sem fio, pendurados
 no
 nada.

Faz, com a massa, o peso.
 Sustenta arcos,
 arquétipos da humanidade.
 Faz o mundo pesar em nossas
 costas.

Mas nascemos com ela, envoltos na atmosfera.
 Habitamo-nos à pressão, ao peso
 do ar sobre nossas
 cabeças.

Difícil, mesmo, é suportar o peso das palavras.

Fonte: HUGUENIN, José (2014)

Figura 3: Poesia Densidade

Dilatação

Se esquentar,
 Se pa ro,
 Es ti co,
 Sem pre ma is,
 Quan to ma is
 Quen te es ti
 ver.
 Mas se es fri
 a,
 jun to,
 com pri mo,
 sem pre ma is,
 Quan to mais
 Frio estiver.

Fonte: HUGUENIN, José (2014).

Os poemas “Universo”, “Gravidade” e “Dilatação”, assim como outros presentes no livro *Universalidades* (2014) exploram a disposição espacial das palavras, bem como a aproximação da Física e da Arte. Os conceitos científicos são explorados poeticamente para despertar reflexões sobre o cosmos, a natureza do tempo e o lugar do ser humano no universo. O espaço no papel pode remeter à ideia de movimento, interação ou dinâmica, conceitos relacionados à Física. Além disso, os poemas trabalham com elementos que transcendem o texto escrito, explorando formas e interações visuais que complementam o significado.

Por meio da utilização dos poemas do livro *Universalidades* é possível fazer uma integração entre literatura e física e demonstrar aos alunos que a criatividade na comunicação de ideias é ilimitada. O contato com conceitos físicos, reinterpretados por meio da poesia, enriquece o vocabulário dos estudantes, tanto no âmbito científico quanto no literário.

Ademais, a combinação interdisciplinar fomenta a reflexão sobre como diferentes campos do conhecimento podem dialogar, oferecendo perspectivas complementares para compreender a realidade. Ao unir ciência e arte, a abordagem revela que ambas são ferramentas igualmente poderosas para explorar e expressar a complexidade do universo. Dessa forma, os alunos podem entender que as disciplinas se relacionam muito mais do que comumente é demonstrado no espaço escolar.

Uma forma eficaz de trabalhar essa abordagem é a escolha de poemas a partir de um assunto científico (Moreira, 2002), de maneira que sejam discutidos em debates e rodas de leitura, além de associados a experiências do cotidiano. Tais assuntos podem ser abordados de forma criativa e reflexiva. De acordo com Moreira (2002, p. 1):

“...A idéia é que sejam discutidos de maneira interdisciplinar, de preferência acompanhados de um apanhado histórico das relações entre Ciência e poesia relativas àquele tema, do contexto científico e literário associado e de análises sobre o conteúdo e forma dos poemas.”

Em sala de aula, um professor com dedicação, tempo e imaginação, pode construir diversos conjuntos de poemas associados a temas científicos (Moreira, 2002) e assim capturar o interesse dos alunos para a literatura e para a física, para entender o mundo a partir de novas perspectivas, dentro de um contexto significativo. Pois:

“Ciência e poesia pertencem à mesma busca imaginativa humana, embora ligadas a domínios diferentes de conhecimento e valor. A visão poética cresce da intuição criativa, da experiência humana singular e do conhecimento do poeta. A Ciência gira em torno do fazer concreto, da construção de imagens comuns, da experiência compartilhada e da edificação do conhecimento coletivo sobre o mundo circundante.” (MOREIRA, 2002, p.1)

3. Metodologia

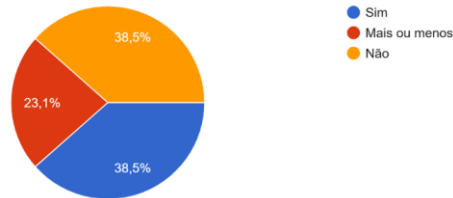
A situação da literatura escolar é que, finalmente, houve algumas mudanças. Foi feita uma pesquisa com 26 jovens de 11 a 17 anos (ou mais) que estão em período escolar, do 6º ano ao 3º ano do Ensino Médio. Destes 26, 18 não tiveram leituras obrigatórias na escola esse ano, enquanto o restante teve de ler livros separados em três categorias: clássicos, clássicos atuais e contemporâneos. Os clássicos citados na pesquisa são aqueles com temas não tão atuais. São eles “Dom Quixote” (Miguel de Cervantes), “O Jardim Secreto” (Frances Hodgson Burnett) e “Édipo rei”.

Os clássicos contemporâneos são livros clássicos conhecidos que apresentam temáticas que trespasam a História e dialogam com situações da atualidade. Nessa categoria estão “O Sítio dos Bichos” (George Orwell) e “Quarto de Despejo” (Maria Carolina de Jesus). Os contemporâneos, por sua vez, são livros que estão instaurando o próprio nome, juntamente com o de seus respectivos autores. “Arlindo” (Ilustralu), “Solitária” (Eliana Alves Cruz) e “O Avesso da Pele” (Jeferson Tenório) foram os citados pelos participantes.

A pergunta seguinte indaga a respeito do interesse dos alunos pela leitura em sala e também a leitura obrigatória.

Figura 4: Interesse dos participantes pela literatura recomendada:

Você se interessa pelos textos literários lidos em sala de aula e pelos que a escola passou para ler em casa?
26 respostas



Fonte: pesquisa do Google Forms

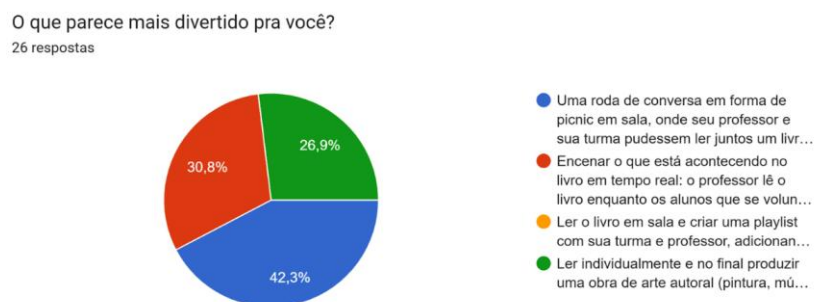
Aqueles que não tiveram literatura obrigatória estão, em sua maioria, insatisfeitos; a maior parte do grupo que teve de ler livros contemporâneos e clássicos contemporâneos têm interesse pelas leituras literárias em sala e pelo livro da leitura obrigatória (4/7), enquanto a única pessoa que teve de ler livros clássicos também apresentou satisfação. Na questão seguinte, foi perguntado o(s) porquê(s) do desinteresse, com possibilidade de marcar mais de um motivo. As respostas possíveis são:

Os textos são antigos e usam um vocabulário que eu não entendo e não me identifico; o conteúdo dos textos costuma ser desinteressante; fico perdido (a) porque não consigo correlacionar nenhum elemento dos textos com a minha realidade; sinto que estou perdendo tempo e não tenho paciência; não vejo sentido em ler esses textos; tudo que é relacionado à escola é automaticamente chato; eu marquei “sim” na questão anterior (sobre o interesse pela literatura na escola).

Ainda, 69,2% dos participantes marcaram a segunda opção; mas se a literatura na escola está tomando um rumo diferente, por que ainda há desinteresse pelo conteúdo? Uma hipótese de justificativa é que a palavra “obrigatoriedade” é, certamente, um “espanta-aluno” e afasta os estudantes da leitura na escola. Tudo que é necessário tem uma conotação negativa, logo, não é incomum que se ache o conteúdo da leitura entediante. Um fato interessante, todavia, é que nenhum estudante marcou a opção de não ver sentido na leitura; mesmo não gostando, os participantes reconhecem a importância e relevância do que leem. Parte deles apresenta, sim, gosto pela leitura, embora não necessariamente da escola, marcado como hobby por 38,5% dos participantes. Ou seja, a taxa de insatisfação com o conteúdo da leitura é o motivo do afastamento dos alunos da leitura na escola, mas não da leitura como um todo. Mas então qual seria o papel do letramento literário para transformar essa experiência desagradável em algo prazeroso?

Optar por livros mais atuais foi um bom passo inicial, mas como introduzi-los de maneira lúdica? Foi por causa dessas perguntas que a hipótese da última pergunta do formulário foi levantada, que consistia em diferentes ideias de formas de apresentar a literatura nas escolas. Quase metade preferiu um contato professor-alunos, lendo juntos em uma roda e comentando sobre como a parte do livro lida se assemelha às suas vidas pessoais e o que estão pensando sobre a história. Isso indica que falta diálogo e que os alunos querem se sentir ouvidos, querem que seus pensamentos sejam levados em consideração e deixem de ser meros leitores passivos para leitores expressivos, que possam falar sobre as próprias opiniões e correlações com aquilo que os rodeia.

Figura 5: Abordagem da literatura na escola que mais interessa os participantes²:



Fonte: pesquisa do Google Forms

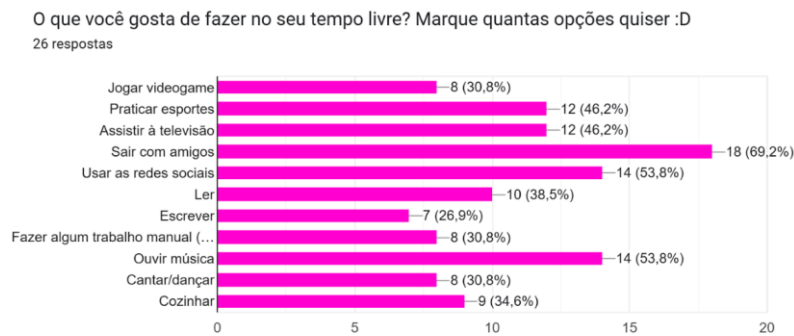
Todas as opções conversam com os interesses dos alunos e a leitura deixa, então, de ser um fardo e passa a ser um momento de descontração. Conclui-se, portanto, que os alunos desejam um contato mais próximo com o professor, e uma roda de conversa, uma alternativa tão simples, seria uma maneira eficaz de despertar o interesse dos estudantes pela leitura - e, se a leitura dos livros em sala os cativar, é mais provável que eles pratiquem a prática de leitura por conta própria, fora de sala de aula.

Levando isso em consideração, é essencial que, na missão de letrar literariamente os alunos, seus interesses sejam conciliados. Quase 70% dos estudantes da pesquisa apontam sair com amigos como uma atividade prazerosa. Uma atividade que os cativa no processo de

² Uma roda de conversa em forma de picnic em sala, onde seu professor e sua turma pudessem ler juntos um livro, parando ocasionalmente para discutir sobre o rumo da história e situações da vida que vocês tenham lembrado a partir de um fragmento lido (tudo enquanto fazem um lanche coletivo); encenar o que está acontecendo no livro em tempo real: o professor lê o livro enquanto os alunos que se voluntariaram para encenar atuam; ler o livro em sala e criar uma playlist com sua turma e professor, adicionando músicas que vocês associam aos fragmentos lidos em aula. Depois das provas e trabalhos sobre o livro, vocês poderiam comemorar em sala ouvindo essa playlist; ler individualmente e no final produzir uma obra de arte autoral (pintura, música, poesia, coreografia, escultura) sobre o livro.

letramento literário seria, por exemplo, sair com os amigos e tirar fotos de algum objeto que os lembre do livro lido em sala ou o da leitura obrigatória (discutida anteriormente como um projeto indesejado pelos estudantes). Empatados em segundo lugar, com 53,8% dos votos, estão “ouvir música” e “usar as redes sociais”. A música é um recurso poderoso e eficaz na missão do aprendizado de quaisquer matérias escolares; uma forma de letramento literário através da música seria fazer mímica de uma letra de música que os lembre o livro em sala e, aquele que acertar, será o próximo e fará mímica de outra música.

Figura 6: Passatempos preferidos dos participantes:



Fonte: pesquisa do Google Forms

4. Resultados

Os resultados desta pesquisa evidenciaram a necessidade urgente de transformar a abordagem da literatura escolar, adotando estratégias mais dinâmicas e interativas, alinhadas aos interesses e realidades dos alunos. Além disso, mostraram que os alunos se afastam da leitura quando ela é imposta de forma obrigatória, principalmente devido ao vocabulário e à desconexão entre os temas das obras e suas realidades cotidianas.

Esses resultados sugerem que a literatura escolar poderia ser mais eficaz se incorporasse práticas mais participativas e que promovam a reflexão e a identificação do aluno com o conteúdo lido. Tais abordagens podem transformar a leitura de uma tarefa obrigatória e muitas vezes tediosa em uma experiência prazerosa e enriquecedora. Quando a literatura é apresentada de forma lúdica e contextualizada, com a incorporação de discussões sobre o livro e sua relação com o cotidiano dos estudantes, há um aumento no envolvimento e na motivação para a leitura.

Além disso, a pesquisa aponta para a importância da interdisciplinaridade no processo de ensino da literatura, como demonstrado pelo interesse dos alunos por temas literários que se

conectam com outras áreas do conhecimento, como a música, as redes sociais e as experiências cotidianas. A interdisciplinaridade pode ser uma estratégia poderosa para tornar a literatura mais acessível e relevante, proporcionando uma compreensão mais ampla dos textos e ampliando o repertório dos alunos.

5. Considerações finais

Com isso, conclui-se a necessidade urgente de repensar a forma como a literatura é abordada nas escolas, especialmente no contexto da literatura obrigatória. Ao longo do estudo, ficou claro que a exigência de leituras tradicionais e muitas vezes distantes da realidade dos alunos tende a gerar desinteresse, afastando os estudantes do universo literário. No entanto, ao analisar as preferências e os anseios dos alunos, foi possível observar que uma abordagem mais dinâmica e interativa, que conecte a literatura com o cotidiano dos estudantes e seus interesses pessoais, pode ser altamente eficaz na promoção do letramento literário.

A interdisciplinaridade, como foi sugerido ao longo do artigo, aparece como uma estratégia fundamental para revitalizar o ensino da literatura. A integração de conteúdos literários com outras disciplinas, como as ciências, pode contribuir para uma compreensão mais ampla e profunda dos textos, permitindo que os alunos percebam a literatura não apenas como um conteúdo escolar obrigatório, mas como uma ferramenta valiosa para a construção de significados, desenvolvimento crítico e expressão pessoal. Nesse sentido, a literatura deixa de ser um fim em si mesma e se torna um meio para entender a si e o mundo ao redor.

O papel do professor também é central nesse processo. Como mostrou a pesquisa, os alunos buscam um maior envolvimento com o professor, valorizando atividades que favoreçam a interação, como rodas de conversa e encenações. Essas práticas tornam a literatura mais acessível e relevante, ao mesmo tempo em que proporcionam um espaço para o estudante expressar suas opiniões, fazer conexões com sua realidade e se envolver de forma mais ativa na construção do conhecimento.

Por fim, é importante ressaltar que o letramento literário não deve ser entendido apenas como uma preparação para exames, como o vestibular, mas como uma prática contínua de formação do sujeito. Ao estimular a leitura por prazer, a criatividade e a reflexão crítica, os professores podem ajudar a formar leitores não apenas competentes, mas também cidadãos conscientes e engajados com o mundo ao seu redor. O desafio é transformar a leitura

obrigatória em uma prática prazerosa, que seja capaz de despertar no aluno a curiosidade e o prazer de aprender, contribuindo para a sua formação integral como indivíduo.

Assim, a interdisciplinaridade, aliada a metodologias pedagógicas inovadoras, pode ser a chave para uma mudança significativa na maneira como a literatura é ensinada, tornando o processo de letramento literário mais dinâmico, relevante e, sobretudo, prazeroso para os estudantes.

REFERÊNCIAS

- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 11-31.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 13 ed. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- HUGUENIN, José. **Universalidades**. 1. ed. Volta Redonda: Editora Fictícia, 2014.
- LENOIR, Yves. Didática e Interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontrolável. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus Editora, 2008.
- LIMA, Eciône Félix de; MACHADO, Yzynyia Silva Rezende; PAIVA, Maria Cristina Leandro de. Uma perspectiva interdisciplinar no ensino da leitura e literatura nos anos iniciais. In: **VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU**, 2022, Curitiba. Anais. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/91324>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- MEDEIROS, Michelle. A interdisciplinaridade na escola. **WebArtigos**, 2 set. 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-interdisciplinaridade-na-escola/24165/>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- MOREIRA, Ildeu de Castro. Poesia na aula de ciências? **Física na Escola**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, v. 3, n. 1, p. 44-46, 2002. Disponível em: <https://www.sbfisica.org.br/fne/Vol3/Num1/a07.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 1979-1999.
- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: RÖSING, Tânia M.K; ZILBERNAM, Regina (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.
- RODRIGUES, Érica Cayres; STEIN DOS SANTOS, Marcela Regina; SANCHES, Elisabete Ferraz. A importância da abordagem interdisciplinar do texto literário. **Revista Igarapé**. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, v.16, n. 3, p. 227-239, 2023.
- TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

A educação ambiental nos caminhos dos textos de Euclides da Cunha

Fabiana Figueira Corrêa³

*Avaliei então quanto é difícil uma coisa trivialíssima,
nestes tempos, em que os livros estão atulhando a terra, escrever...
Euclides da Cunha,
Em seu discurso de posse na ABL*

Durantes anos, como professora de Ciências e Biologia no Ensino Fundamental e Médio, fiz uso de excertos e textos do escritor Euclides da Cunha que abordam diretamente, ou dialogam, com a temática ambiental. Esta prática decorre da tecitura entre meu fazer pedagógico e a dedicação à leitura e estudo da obra do referido escritor enquanto professora de educação básica, atuando na terra natal do escritor. Ano após ano, expandindo as fronteiras dos conteúdos formais das disciplinas que lecionava, retomei a história e escritos de Euclides da Cunha, possibilitando o reconhecimento do Brasil através de sua ótica crítica, apresentada com riqueza literária, permitindo que os alunos conhecessem e se apropriassem do universo euclidiano. Esta não foi uma das tarefas mais fáceis nos meus anos dedicados à educação, mas, por seu caráter desafiador, gerou resultados surpreendentes e recompensadores. Partindo de minha experiência pessoal, apresento aqui algumas possibilidades de exploração do texto euclidiano na aula de aula, nas disciplinas de Ciências e Biologia.

Antes de qualquer planejamento não podemos deixar de considerar uns dos principais fatores que afastam alunos e educadores de Euclides da Cunha e sua obra: a dificuldade em vencer os obstáculos de sua escrita culta, impregnada de saberes científicos

³ Autora Correspondente: fabificorrea@gmail.com

próprios ao seu tempo. Mas como ensinar e aprender são sempre desafiadores, aí é que se encontra o prazer da caminhada. Para a grande maioria dos alunos que passaram por minhas aulas este foi o primeiro contato com o escritor. Por isso, como professora, me comprometi com a tarefa de encantar com o contar – no caso, contar através de textos euclidianos, porque, como afirma Aroeira, “contar histórias é uma experiência de grande significado, para quem conta e para quem ouve” (Aroeira, M., 1996, p.36). Preciso ressaltar que os textos apresentados aos alunos não devem ser adaptados a uma linguagem facilitadora. Pelo menos, eu não o fiz durante meus anos de prática pedagógica com este objetivo e recomendo que não o façam. A riqueza da linguagem do texto euclidiano é desafio a ser conquistado além do conteúdo envolvido e o papel do professor mediador que se propõe a esta tarefa se desenrola neste campo.

Sendo Euclides da Cunha um homem da Ciência, é possível esmiuçar seus textos em busca de variados temas que possam ser abordados em sala de aula nas disciplinas de Biologia e Ciências. No entanto, no presente texto, faço um recorte para abordar, apenas, textos e excertos que sigam a temática ambiental. Independentemente do papel de destaque de Euclides da Cunha entre os intelectuais da Primeira República por sua obra vasta em gêneros de escrita e temas, é necessário apresentar aos alunos um Euclides da Cunha que se destacou de outros intelectuais de seu tempo, sendo “rigorosamente o primeiro intelectual brasileiro a cultivar e externar preocupações com o meio ambiente, inclusive fazendo da ecologia um tema político, de propostas de ações políticas” (Rosso, M., 2009, p. 37). Isto porque Euclides da Cunha foi capaz de perceber a relação da sociedade com o ambiente natural com olhos críticos e embasamento científico, estando em um passeio de bonde pela cidade do Rio de Janeiro, em um trem pelo interior de São Paulo, nas trilhas da Caatinga ou em uma canoa no Rio Purus, no Acre.

Faço a sugestão de que uns dos primeiros textos apresentados aos alunos seja uma crônica publicada, em 1884, por um jovem Euclides da Cunha, estudante do Colégio Aquino, no Rio de Janeiro, no jornal estudantil O Democrata, com o destaque a seguir:

Ah! Tachem-me muito embora de antiprogressita e anticivilizador, mas clamarei sempre e sempre: - o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! E a humanidade, não será dos céus que há de partir o grande “Basta” (botem b grande) que ponha fim a essa comédia lacrimosa a que chamam vida; (...) não finir-se-á o mundo ao

rolar da última lágrima e sim ao queimar-se o último pedaço de carvão de pedra.” (Cunha, E., in Rosso, M., 2009, p. 95 – 96)

Na crônica em questão, ainda podemos ressaltar sua ênfase em “Me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!” (in Rosso, M., 2009, p.86), o que permite ao professor abordar problemas urbanos, decorrentes do crescimento desordenado das cidades, além da possibilidade de apresentar uma expressão poética da crítica ambiental de Euclides da Cunha apresentada no texto. Através dele o autor, em seus jovens anos, contextualiza sua crítica ao meio urbano, diferenciando-se dos intelectuais do período de Colônia e Império, que apresentavam um enfoque essencialmente para o meio agrário. Com este posicionamento, Euclides da Cunha aproxima-se das preocupações ambientais discutidas em nosso século (e iniciada apenas na segunda metade do século anterior), cuja inquietação com as grandes cidades é um dos principais enfoques da crítica ambiental atual. Considerando estes fragmentos propostos, os alunos podem elaborar painéis ilustrados com imagens atuais. Em uma proposta mais enriquecida, os alunos podem comparar fotos antigas e recentes de uma mesma área urbana e destacar as diferenças entre elas.

Outro texto jornalístico que pode ser apresentado aos alunos com possibilidades de vários desdobramentos é o artigo “Fazedores de Desertos” (publicado em 1901, em O Estado de São Paulo). Nele, Euclides da Cunha dirigiu sua crítica ambiental ao próprio avanço da humanidade sobre o ambiente natural, explorando seus recursos e alterando seus ciclos e equilíbrio homeostáticos implícitos. Devemos considerar, enquanto professor mediador, a preocupação demonstrada por Euclides da Cunha em relação às mudanças climáticas que já eram observadas no interior paulista a bem mais de um século atrás, isso em uma época em que a mídia e a ciência ainda não falavam de tais mudanças. Podemos admitir que o autor não se limita a este reconhecimento, pois também aponta suas possíveis causas, imprimindo, em sua crítica, o alerta em relação à prevalência de valores econômicos em detrimento da preservação do patrimônio natural. Partindo destas considerações, o professor pode trabalhar o artigo de forma a propor questionamentos quanto às relações das ações humanas e o aquecimento global ou a perpetuação de práticas agrícolas que empobrecem o solo e comprometem a preservação da biodiversidade. Para que a atividade não se encerre no âmbito da discussão e do debate, aos alunos podem ser oferecidas diferentes atividades, como produção textual e elaboração de painéis e vídeos com imagens atuais.

O artigo “Viajando” (publicado em 1903, em O Estado de São Paulo), pode ser trabalhado de forma semelhante à proposta para o “Fazedores de Desertos”. Nele Euclides da Cunha apresenta outro aspecto da crítica ambiental que é, também, contemporânea ao nosso tempo: a indissociável ligação do homem com o ambiente natural no qual está inserido. O homem interfere, modifica, usufrui, altera e sofre simultaneamente as consequências desta interação dinâmica. Neste artigo, Euclides da Cunha analisa alguns aspectos relativos ao desgaste que o ambiente natural do Vale do Paraíba sofreu por interferência humana, demonstrando-nos uma relação direta entre causa e efeito.

Sem dúvida alguma, o livro *Os Sertões*, com sua primeira edição publicada em 1902, é a obra mais conhecida de Euclides da Cunha e sobre ele, também, podemos lançar nossa atenção sobre as questões ambientais. No entanto, antes de apresentarmos qualquer fragmento do livro aos alunos, faz-se necessário analisar alguns aspectos que podem ser explorados para reforçar o sentido pretendido. Euclides da Cunha abre *Os Sertões* com uma rica descrição das características físicas, geográficas e biológicas do sertão nordestino. Seu discurso entrelaça, de forma primorosa, os princípios científicos mais acertados em seu tempo com uma beleza poética própria a poucos autores que conseguem unificar, no mesmo texto, ciência e arte. Euclides apresenta a *Terra* como um organismo vivo, apresenta-nos sua gênese, suas transformações e características. Em coerência com esta visão, o autor nomeia de forma própria a *Terra* com inicial maiúscula, reforçando sua condição de organismo onde a “terra se apresenta como sujeito dotado de força vital” (Souza, R. M., 2009, p. 23). Nosso autor antecipou-se assim, ainda no início do século XX, a uma corrente científica apresentada apenas na segunda metade do mesmo século, em 1969, pelo cientista inglês James Lovelock: sua identificação da Terra como organismo vivo está em perfeito acordo com a hipótese de Gaia (em homenagem a deusa que representa a Terra na mitologia Grega), defendida por este cientista. Segundo a hipótese de Gaia, todos os seres vivos estão ligados entre si e com o ambiente físico, considerando a Terra como um organismo vivo, sendo a própria vida na Terra a criar as condições para sua sobrevivência.

As formas pelas quais Euclides da Cunha apresentou a *Terra* em *Os Sertões* são diversificadas, em alguns momentos evidenciando as características físicas, considerando que “as forças que trabalham a terra atacam-se na contextura íntima e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se com intercadência interminável, nas duas estações únicas da região” (Cunha, E., 1979, p. 28). Em outros momentos o autor valorizou

as características biológicas, retratando com fidelidade científica o bioma Caatinga, com “árvores sem folha, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante”(p. 29). Como a trama de galhos, ramos e espinhos, nas quais enredam-se a neste ambiente agreste através de sensações experimentadas pelo homem que não pertence a este ambiente, ao qual “a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar, agride-o, estonteia-o, enlaça-o na trama espinescente e não o atrai, repulsa-o com as folhas urticantes, com os espinhos, com os gravetos estalados em lanças” (p.29). Euclides da Cunha apresentou-nos uma Caatinga viva, que participa ativamente da luta.

Considerando possibilidades de atividades, o professor pode selecionar trechos de *A Terra*, onde o autor evidencia a descrição do ambiente natural, bem como de sua flora e fauna, e propor aos alunos a criação de álbuns ilustrados por desenhos ou colagens, trazendo elementos físicos, botânicos ou zoológicos que são apresentados no texto original. Para os organismos vivos, também pode ser proposta a elaboração de fichas de identificação das espécies, contendo imagens, nome popular e científico, bem como características essenciais. Acrescentando à leitura e produção textual dos alunos, sob a ótica de conteúdos científicos, o fazer artístico através da ilustração e colagem, possibilitamos o trabalho multidisciplinar imprescindível ao fazer pedagógico.

Já na terceira parte do livro, *A Luta*, destaco o texto *Guerra das Caatingas* onde encontramos referências ao ambiente natural como um elemento vivo e atuante no próprio conflito, bem como considerações sobre a integração do sertanejo ao ambiente. Quando Euclides da Cunha retrata em seu texto a relação dos soldados com a caatinga demonstra a estranheza entre ambos. O soldado é o elemento estranho e despreparado ao ambiente que não o acolhe, como percebemos no trecho a seguir:

“Circuitam-nos, estonteadamente, os soldados. Espalham-se, correm, à toa, num labirinto de galhos. Caem, presos pelos laços corredios dos quipás reptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortíssimos tentáculos. Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos das macambiras.” (Cunha, E., 1979, p.164)

No entanto, quando o autor se refere às relações estabelecidas entre o sertanejo e a Caatinga, reforça os laços da relação intrinsecamente equilibrada que lhes permitem a coexistência homeostática, onde a “flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e

amigo” (Cunha, E., 1979, p.165), já que flora e sertanejo se cercam de “relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-a todas. Nasceram juntos; cresceram irmamente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados” (Cunha, E., 1979, p. 165 - 166). Baseando-se nestas considerações, o professor pode explorar com os alunos a contemporaneidade das reflexões, descrições e constatações apresentadas por Euclides da Cunha, relacionando-as com leitura atual do mundo, pelo prisma da ótica ambiental atual que contextualiza o homem no ambiente natural.

Do sertão nordestino para o sertão amazônico, em “A Margem da História” Euclides da Cunha nos convida a descortinar este ambiente desconhecido ao homem que vive mais ao sul, imaginando que “a flora ostenta a mesma imperfeita grandeza”(Cunha, E., 2009, p. 2), e ao seguir pela “mata vai com a vista embotada no verde negro das folhas; e ao deparar, de instante em instante, os fetos arborescentes emparelhando em altura com as palmeiras, e as árvores de troncos retilíneos e paupérrimos de flores” (p.2). Explorando alguns destes textos, o professor pode, não apenas considerar aspectos da fauna e flora amazônicas, mas também a sua ocupação e exploração pelo homem.

Com base nos textos amazônicos, uma das atividades que pode ser desenvolvida é o reconhecimento e identificação de parte do percurso traçado pela expedição de Euclides da Cunha com a visão da atualidade, com o objetivo de identificar traços de semelhanças e diferenças entre a paisagem natural e humana apresentada pelo escritor e os dias de hoje. Através desta viagem de conhecimento, os alunos podem elaborar trabalhos em mídia audiovisual ou um caderno de viagem, com possíveis registros do que se encontra no percurso.

Com o pouco tempo de trabalho em sala de aula, independente da disciplina, não serão formados especialistas em Euclides da Cunha entre alunos do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, mas acredito que assim seja possível plantar sementes de paixão, admiração e orgulho por esse escritor brasileiro, cuja identidade cultural com nossa língua e história deve ser cultivada. Trabalhar diretamente com os textos euclidianos, vencer o desafio de sua leitura e poder compartilhar sua compreensão com outros leitores, aproxima-nos do universo euclidiano, permitindo constatar a contemporaneidade de seus textos, vencendo a barreira da linguagem ricamente empregada pelo escritor e estreitando realidades distanciadas não apenas geograficamente, mas também por mais de um século. Além disso, trazer a obra

euclidiana para as aulas, particularmente as de Biologia e Ciências, como apresentado neste trabalho, a partir de uma abordagem ambiental, reforça o caráter intertextual de seus textos e permite a prática de atividades interdisciplinares e de transversalidade, tão apregoadas nos meios pedagógicos.

Para encerrar, trago algumas reflexões apresentadas aos alunos sempre que concluíamos uma atividade: estava Euclides da Cunha muito à frente de seu tempo ou estamos nós muito atrasados e descompromissados com o nosso próprio tempo? Vivendo em tempos atuais, com todos os aparatos tecnológicos disponíveis e toda facilidade de circulação de informação e ideias ao nosso alcance, qual deve ser nosso posicionamento frente às questões colocadas por Euclides da Cunha? Qual deve ser a nossa atuação frente às questões socioambientais que nos são colocadas de forma urgente? Acreditamos que podemos responder a essa indagação apoiando-nos nas palavras do próprio Euclides da Cunha: “ou progredimos ou desaparecemos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROEIRA, M.; SOARES, M.; MENDES, R.; **Didática de Pós-escola**. Vida e criança. Brincar e Aprender. São Paulo; FTD, 1996

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000019.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2009. TROCAR A REFERÊNCIA

CUNHA, Euclides da. **Contrastes e Confrontos**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1975.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (A Campanha de Canudos)**. 28ª Edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, S.A., 1979.

ROSSO, Mauro. **Escritos de Euclides da Cunha: política, economia e etnopolítica (organização, introdução e notas)**. Rio de Janeiro, Editora PUC – Rio, 2009.

SOUZA, Ronaldo de Melo. **A Geopoética de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2009.

Letramento literário no ensino como valorização da literatura e do saber literário

Ellen Caroline Alves de Brito⁴

Ana Cristina dos Santos Malfacini⁵

Resumo

O presente artigo discute os desafios enfrentados no ensino de literatura nas escolas e propõe o letramento literário como alternativa para ressignificar as práticas pedagógicas. Partindo das contribuições teóricas de Magda Soares, Rildo Cosson, Graça Paulino e Renata Junqueira de Souza, o trabalho destaca a importância de compreender a literatura como prática social e experiência de construção de sentidos, indo além da memorização de conteúdos históricos e biográficos. São apresentadas propostas de aplicação do letramento literário em sala de aula, como as Oficinas de Leitura e atividades intertextuais que aproximam o texto literário da realidade dos alunos, favorecendo o pensamento crítico e o envolvimento com a leitura. Percebe-se, portanto, que o letramento literário é fundamental para a formação de leitores autônomos, reflexivos e capazes de relacionar a literatura com suas vivências e com o contexto social em que estão inseridos.

Palavras-chave: Letramento literário; Ensino de literatura; Formação de leitores.

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora Correspondente: britoellen514@gmail.com.

⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Introdução

O ensino de literatura nas escolas tem se tornado cada vez mais um desafio para os professores que precisam encontrar meios de mostrar para seus alunos que a literatura tem seu valor. Isso acontece porque o ensino de literatura, há muito tempo, perdeu seu sentido e se tornou algo que se limita à memorização e ao ensino da história da literatura brasileira.

É para reverter esse cenário de disfunção da literatura que o letramento literário se torna tão importante e necessário no ensino. Pois é através dele que a literatura passa a fazer sentido e se torna acessível ao aluno, estabelecendo entre eles uma conexão.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo desenvolver noções de letramento literário no ensino a partir de definições construídas por teóricos que pesquisam essa temática, como Rildo Cosson, Magda Soares e Renata de Souza. Além disso, apresentar algumas propostas de ensino que esses teóricos nos apresentam e também exemplos de aplicação do letramento literário em atividades escolares.

2. O Letramento Literário

Para entender o chamado letramento literário, é importante ter em mente a que se refere o termo letramento. Essa palavra surge como uma ampliação do significado de alfabetizar, de modo que abarcasse os comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em contextos sociais em que a leitura e a escrita estejam envolvidas. Segundo Magda Soares em *Letramento e alfabetização: as muitas facetas* (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” Diante disso, Soares evidencia a importância da prática do letramento no processo de alfabetização do aluno. Não basta apenas ensinar a ler e escrever, é necessário que esses processos se tornem uma habilidade de uso nas práticas sociais.

Partindo da definição de Magda Soares (2003) trazida acima, chegamos ao letramento literário, que é um dos diferentes tipos de letramentos que existem, visto que as práticas sociais da escrita são diversas. De acordo com Graça Paulino e Rildo Cosson em *Letramento*

literário: para viver a literatura dentro e fora da escola (2009) o letramento literário é “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Isso significa dizer, que o papel da escola, no que diz respeito ao ensino de literatura, deve ir além da simples leitura de textos literários ou estudo das características de períodos literários, ela deve oferecer as ferramentas necessárias para que o ensino de literatura se desenvolva como uma experiência significativa para o aluno.

4. O atual modelo de ensino literário

Observando o cenário atual acerca da condução do ensino de literatura nas escolas, é possível dizer que ele não é tão atual assim. Como consequência dessas práticas pedagógicas com uma visão tradicional e instrumental da literatura, o ensino literário vem enfrentando resistências. Cosson em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006) traz uma contextualização que faz muito sentido para justificar a crise que a literatura como disciplina escolar enfrenta:

“Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI. A multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de um lugar à literatura na escola atual”(COSSON, 2006, p. 20)

A Literatura é uma das disciplinas que mais tem seu valor questionado na sociedade nas últimas décadas. Isso acontece porque ela foi deixando de ser vista como fonte que educa, transforma e contribui para a formação humana. Como afirma Cosson (2006), no fragmento destacado, a literatura como arte que educa foi perdendo espaço para outras manifestações culturais e se limitou a uma disciplina escolar que no Ensino Básico serve como recurso para a aprendizagem de leitura e escrita e no Ensino Médio, separando-se da Língua Portuguesa, consiste em historiografia da literatura brasileira, biografia de autores e fragmentos de obras literárias. Com isso, fica muito claro que a escola, no que se refere ao ensino de literatura, deixou de formar leitores críticos e cidadãos conscientes.

No artigo *A Literatura nos Documentos Oficiais* (2016), a professora Ginete Cavalcante Nunes faz algumas considerações a respeito de como têm sido efetivadas as aulas de literatura no Ensino Médio. Sua constatação não foi muito diferente das observações e afirmações de Rildo Cosson uma década atrás.

“o ensino de literatura vem sofrendo uma crise no Ensino Médio, pois muitos alunos rejeitam a disciplina, entendendo-a como um trabalho inútil” e isso porque “no que concerne ao ensino de literatura o máximo que se alcança é o ensino da história da literatura brasileira, e ainda muito superficialmente, dicotomia entre os estilos de época, dados biográficos dos autores, algumas características do gênero, rima, métrica, (...) numa perspectiva pouco atraente para os jovens” (NUNES, 2016, p. 228).

Assim como Cosson (2006), Nunes (2016), muitos outros autores vêm demonstrando os problemas que essa área da educação vem enfrentando. Portanto, este diagnóstico vem se mostrando cada vez mais evidente. E juntamente a ele, a necessidade de uma nova abordagem da literatura em sala de aula.

Diante desse panorama, o letramento literário vem ganhando mais visibilidade e pesquisas por parte dos educadores e pesquisadores, que vêm percebendo que é preciso uma mudança nas práticas de ensino literário. Dessa forma, o letramento literário se apresenta como uma alternativa de ensino da literatura na escola. Antes de mais nada, Cosson (2006) apresenta alguns desafios que precisam ser vencidos. Em primeiro lugar, é preciso se desvencilhar dos programas curriculares e vencer o que ele chama de “noção conteudística do ensino”, é preciso também uma maneira de ensinar em que a leitura também se torne prazerosa sem abrir mão do compromisso do conhecimento que toda área exige, complementando este último, se torna fundamental a leitura efetivas das obras de maneira organizada para atender os objetivos de formação dos alunos. Por fim, mas não menos importantes, é imprescindível compreender que o letramento literário é uma prática social de responsabilidade da escola. Para que a escola funcione como um espaço de produção do conhecimento, ela deve possibilitar aos alunos a exploração dos conhecimentos.

5. O letramento literário em sala de aula

Atualmente muitos professores já buscam trazer o letramento literário para as suas aulas de literatura, mas nem sempre é uma tarefa fácil ir além do currículo. Como uma sugestão de atividade que habilita o letramento literário em sala e visa a formação de leitores críticos e ativos, Renata Junqueira de Souza, junto com Rildo Cosson, em *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula* (2011), propõem para o ensino básico que os professores trabalhem com Oficinas de Leitura. Trata-se de “momentos específicos em sala de aula em que o docente planeja o ensino das estratégias de leitura. As oficinas começam com o professor lendo em voz alta e mostrando como leitores pensam enquanto leem”(SOUZA; COSSON. p.208). Essa rotina de leitura, de acordo com os autores, permitirá que o professor ensine os alunos a fazerem uso das estratégias/habilidades de leitura, que são elas: “conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese” (SOUZA; COSSON. p.208). O método de leitura consiste em primeiro lugar, respeitar a integralidade da obra, ler em voz alta e realizar interrupções ao perceber uma habilidade de leitura proporcionada pelo texto, para comentá-la e a exemplificá-la aos alunos.

Na segunda etapa da oficina, os alunos tentam aplicar sozinhos as habilidades de leitura – lêem individual e silenciosamente. Ao longo desse processo, os alunos podem fazer anotações sobre seus pensamentos e o professor pode conversar com eles sobre suas questões.

E na terceira e última etapa, acontece “a avaliação e a conversa em grupo sobre o texto lido. Esse momento serve para o professor avaliar se os objetivos foram alcançados, a recepção de seus alunos e o envolvimento no ato de ler” (SOUZA; COSSON. p. 210). É nesse momento também que o professor deve retomar o processo de leitura para verificar quais, como e em que momento foram usadas as estratégias/habilidades de leitura pelos alunos.

Essas oficinas permitem o letramento literário porque ao longo dessas leituras, o professor vai moldando e ensinando para os alunos os meios de se ler um texto. Como exemplo, realizar a pré-leitura possibilitando a formulação de hipóteses a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, o que leva também a desenvolverem a estratégia de conexões ao lembrarem de fatos de suas vidas ou de outros textos lidos, também com a estratégia de fazer perguntas aos textos eles podem perceber que isso ajuda a entender a história e a identificar as pistas do texto. Essas abordagens de ensino se tornam ainda mais importantes porque todas essas habilidades

que esses estudantes aprendem em sala de aula, serão usadas para qualquer leitura que realizarem ao longo da vida, e assim, a escola cumprirá seu papel, no ensino de literatura, ao formar leitores literários, que não só compreenderão o texto, mas também utilizarão a literatura em seu contexto social.

Um outro exemplo de atividade que tem o letramento literário como objetivo, está presente no texto da professora dr^a Cassiana Lima Cardoso, *Contos de fadas Para Jovens: Relato de uma experiência com estudantes do ensino médio*. Como o título sugere, a professora faz um relato sobre a aplicação de uma aula de literatura para uma turma do ensino médio que envolvia diferentes gêneros mas ligados pela mesma temática acerca do padrão de beleza feminino, a relação da mulher com o espelho, envelhecimento, aceitação...

Cardoso (2022) faz proveito dessas questões que estão presentes no dia a dia dos jovens e faz parte de suas preocupações, portanto, eles têm algo a compartilhar sobre isso, para transmitir o conteúdo do programa curricular: gêneros literários. Para essas aulas, ela escolheu como textos o poema “Retrato”, de Cecília Meireles (1993), a versão de Branca de Neve, dos irmãos Grimm (2012), o poema “Na mulher, o tempo”, de Conceição Evaristo (2017) e o poema “De ponta-cabeça”, de Beth Fernandes (2020). Essa ideia de trabalhar conectando o contemporâneo e o canônico, como a professora menciona, “decidi, com minhas turmas de primeiro ano do Ensino Médio, trabalhar em consórcio com minha visada que privilegia autoras mulheres na contemporaneidade em diálogo com a historiografia canônica”(CARDOSO. 2022. p. 217), permite maior envolvimento dos alunos, visto que os assuntos trabalhados estão próximos a eles, facilita os debates dos canônicos e possibilita a ampliação dos conhecimentos literários.

Ao longo das aulas, a professora narra algumas temáticas que foram discutidas em sala a partir das leituras selecionadas, como a importância da autoria feminina trazendo temas que nunca foram abordados anteriormente, como ancestralidade, sororidade feminina, reconciliação com o envelhecimento, a relevância de revisitar contos clássicos sob novas perspectivas, como no caso de Branca de Neve, apontando a pressão estética, rivalidade feminina, a crueldade como princípio de justiça, o amor como única saída possível. Diante disso, os alunos se tornaram capacitados para refletir e pensar criticamente sobre esses temas.

Ao final do trimestre, como avaliação, a professora pediu um ensaio sobre o tema discutido ao longo das aulas com o apoio do ensaio “O que o amor é – e o que não é.” (What love is – and isn’t), de 1965, de Simone de Beauvoir.

Como é possível observar, Cardoso (2022) buscou trabalhar com um diálogo intertextual nas aulas, promovendo uma abordagem crítica e reflexiva, incentivando os alunos a não apenas lerem e memorizar conteúdos, mas a refletir e analisar questões sociais, políticas e culturais, buscando de fato o letramento literário para esses alunos.

6. Conclusão

Portanto, como pode-se perceber, o ensino de literatura tradicional não está permitindo que a literatura cumpra com seu papel de formar leitores críticos, que através dela tenham repertório para refletir sobre questões sociais, culturais, políticas e econômicas. Em decorrência dessa escolarização inadequada da literatura, transformando o que é literário em conteúdo pedagógico, o letramento literário surge como uma intervenção que traz para o aluno a apropriação da literatura como prática social.

Dessa maneira, o letramento literário se torna imprescindível nas escolas, para que os alunos tenham a oportunidade, através da condução do professor, nas aulas de literatura, de ampliar seus repertórios culturais e linguísticos, desenvolver a capacidade de leitura e escrita, e dessa forma, se tornar um leitor independente, capaz de escolher, interpretar e se relacionar com diferentes tipos de textos ao longo da vida.

Referências Bibliográficas:

CARDOSO, Cassiana Lima. *Contos de fadas Para Jovens: Relato de uma experiência com estudantes do ensino médio*. In: *Literatura Infantil/Juvenil e Escola: Relações entre leitura, literatura e ensino*. Ed. Dialogarts, 2022, p. 204-219.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo. 2006. Ed. Contexto.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP] (Org.). Caderno de formação: formação de professores: didática dos conteúdos. São Paulo. 2011.

COSSON, R. e PAULINO, G. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: RÖSING, T. M.K; ZILBERNAM, R. (Orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

NUNES, Ginete Cavalcante. *A Literatura nos Documentos Oficiais*. 2016. Id On line Revista Multidisciplinar e de Psicologia.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita

Ensaizando uma prática da *bolsa da ficção*

Henrique Leite Brites da Luz⁶

Em um pequeno ensaio, chamado de *A teoria da bolsa da ficção*, Ursula K. Le Guin nos convida a narrar uma nova estória. De acordo com a autora, ao longo da história humana, ou melhor, desde nossa pré-história, aprendemos a contar histórias sobre como nós, humanos, somos habilidosos caçadores capazes de transformar enormes e ferozes mamutes em um monte de carne. Portanto, se hoje estamos no topo da cadeia alimentar é porque desde o Paleolítico, a Idade da Pedra Lascada, nossas lanças longas e duras tornaram-se muito eficientes em matar. Porém, Le Guin parte de uma visão alternativa ao cânone, cunhada de “A Teoria da Bolsa da evolução humana”,⁷ de que nas regiões temperadas e tropicais da Terra os hominídeos devem ter evoluído para seres humanos por meio de uma alimentação predominantemente vegetal. Curiosamente, o que habita nas paredes das cavernas em artes rupestres não são imagens da coleta de sementes, raízes, grãos e frutos, e sim da caça de mamíferos quadrúpedes. Em poucas palavras, a teoria de Le Guin é que o que fez diferença para a evolução humana não foi a carne, mas a estória. A estória contada, de novo e de novo ao longo da pré-história, e que, aliás, continuou a ser recontada pela própria disciplina História, de como Heróis – másculos com seus agás maiúsculos – se arriscaram e com seus paus perfuraram, morreram e mataram em nome de garantir a segurança – seja ela alimentar, patrimonial, nacional, energética, etc. Foi essa estória que nos trouxe até aqui, até esse mundo patriarcal, racista, especista e extrativista. Então para Le Guin, e para muitas outras e outros, já é tempo de ouvir e contar uma outra estória.

A ideia de Le Guin é que essa estória, ao invés de ser representada pela figura da lança, deveria ser representada pela figura da bolsa. No tempo dos caçadores e coletores, foi o trabalho artesanal, engenhoso e provavelmente feminino de tecer bolsas que garantiu a

⁶ Mestre em Filosofia (PUC-Rio). Autor correspondente: hbl.luz@gmail.com.

⁷ Como conta Le Guin, a teoria foi formulada na verdade por Elizabeth Fisher, em *Woman's Creation – Sexual Evolution and the Shaping of Society*. Cf. Le Guin, 2021, pp. 19-20.

soberania alimentar humana. Foi a ferramenta perfeita para permitir guardar, carregar e transportar a comida e assim ampliar drasticamente as chances da sobrevivência humana. O problema era que a estória figurada pela bolsa, de catar, por exemplo, uma aveia selvagem, retirá-la de sua casca, guardá-la na bolsa, e novamente com outra aveia selvagem, e depois outra, e mais outra, e assim por diante, pode parecer menos emocionante do que a estória de triunfar sobre o mamute, ainda mais quando alguns homens podem ter morrido esmagados que nem geleia durante a luta (Le Guin, 2021, pp. 17-20). Em síntese, foi difícil para as *estórias sobre permanecer* rivalizarem à altura das *estórias sobre destroçar*.

Como diz a expressão popular, mudando de pato para ganso, ou melhor, de galo para galo, gostaria de trazer para a discussão outra autora que também pensou sobre a importância das estórias a partir do trabalho da tecelagem. Marisa Lajolo, ensaísta e crítica literária, conclui seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* mediante sua própria leitura do famoso poema de João Cabral de Melo Neto, “Tecendo a manhã”:

Um galo sozinho não tece uma manhã;
Ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol e de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos
(Neto apud Lajolo, 1993, p. 104).

No capítulo final do livro, chamado justamente de “Tecendo a leitura”, ela sugere que o trabalho de tecer a manhã, realizado pelos galos no poema, pode ser comparável ao trabalho dos leitores. Porque para tecer a manhã ou a leitura seria necessário um esforço artesanal, solidário e dialógico. Além disso, Lajolo considera a tecelagem uma prática ancestral que é na verdade nada mais que a “matriz metafórica da leitura” (Lajolo, 1993, p. 104). Nesse sentido, se a tecelagem das bolsas para garantir a coleta ocorria concomitantemente às pinturas em nome da caça, então a leitura de uma obra de arte é tão antiga quanto o artesanato de uma arma pontuda. Poderíamos dizer, portanto, que o amanhecer tecido pelos galos, a rústica bolsa tecida pelas mulheres coletoras e a leitura tecida por uma turma em alguma escola do Brasil, dependem de que os envolvidos estejam concentrados na tarefa à sua frente, depende de que todas e todos prestem a devida atenção no processo de produzir tal objeto – seja ele a manhã, a bolsa ou a leitura.

Na visão de Lajolo, a leitura constitui uma prática ao mesmo tempo individual e coletiva, em que cada leitor “vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando” (Lajolo, 1993, p. 106). Não por acaso a palavra “texto” tem sua origem etimológica no latim “*textum*”, que significa precisamente “tecido” ou “entrelaçamento”. É com isso em mente que proponho pensarmos a leitura pela figura da bolsa evocada por Le Guin, isto é, ler é tanto tecer a bolsa quanto usufruir de sua função. Ler com atenção implica em refletir sobre o que foi lido, ou seja, encarar o texto nos faz ver a nós mesmos nele refletidos. Afinal, quando trançamos os significados de um texto até ele fazer sentido, percebemos relações da leitura atual com leituras passadas, nos lembramos de outros textos que carregamos conosco. Em outras palavras, a leitura de um texto é também a abertura dessa bolsa metafórica, pois a leitura abre espaço para um diálogo entre a leitura atual e todas as demais anteriores, o passado se faz presente porque a novidade de um texto “afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros” (Lajolo, 1993, p. 107).

Em sua concepção, a literatura seria então uma modalidade privilegiada de leitura, em que, como ela mesma diz, a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados (Lajolo, 1993, p. 105). Assim, ela associa a prática da leitura de literatura no contexto escolar com a produção de um espaço em que seja respeitado o prazer ou a aversão que determinado livro possa gerar em cada leitor (Lajolo, 1993, p. 108). No entanto, gostaria de propor uma outra concepção de liberdade, que pode alterar essa relação entre leitor e leitura no ambiente escolar. Ao invés de pensarmos a liberdade, digamos, como o poder de escolher mudar o lugar em que se está, ou seja, neste caso, o poder de escolher mudar de leitura, poderíamos pensar a liberdade como o poder de escolher permanecer no lugar em que se está. Explico: seria realmente livre somente quem se encontra em uma circunstância em que mesmo se pudesse mudar, preferiria continuar onde está, pois este “aqui e agora” já seria bom o suficiente; se, diante da opção de escolha, fosse preferível mudar, então é porque o lugar atual não é bom o suficiente e, portanto, não seria também livre o suficiente. Contextualizando então essa outra abordagem para o caso em questão, a liberdade virtualmente ilimitada seria aquela na qual, mesmo diante da aversão a determinado texto literário, fosse preferível permanecer na leitura, pois a experiência da arte nem sempre é prazerosa, mas deve ser sempre marcante, deve ser capaz de nos afetar de forma duradoura. Por exemplo, padecer da dor dos personagens de uma estória, ou estranhar a linguagem de um texto, pode servir aos professores de literatura para abalar a – suposta – monotonia da

sala de aula. Assim, discordo em parte da autora, pois penso que não somente o prazer pela leitura do texto literário pode ser didaticamente valioso, mas também o desprazer.

Por essa ótica, a falta de atenção dos estudantes poderia vir a ser contida com a experiência de um choque traumático. Antes que considerem abominável a frase dita acima, peço a meus leitores que suspendam momentaneamente as críticas e vejamos a análise de um filósofo que investigou o tema. Christoph Türcke, em seu livro *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*, aborda sobre como nos últimos anos tornou-se um problema significativo o crescente número de pessoas – e sobretudo de jovens – com enormes dificuldades de prestar atenção. Para começar, seria importante nos perguntarmos: como este bem que chamamos de atenção foi outrora adquirido para agora se encontrar em vias de ser perdido? Para responder tal questão, é necessário novamente voltar o nosso olhar para o Paleolítico e buscar entender o que exatamente fez com que a espécie *Homo Sapiens* se distinguisse dos demais homínídeos. E quando investigamos os vestígios dos primórdios da humanidade, para além das pinturas rupestres, o que encontramos são resíduos de ofertas de sacrifícios. Ou seja, as primeiras experiências da arte devem ter sido instrumentos de uma prática ritualística.⁸ A formação de costumes, de hábitos coletivos, são imprescindíveis para a formação da sociedade, do espaço comunitário, e por conseguinte, da cultura humana. E ela tem sua origem nessa interseção entre arte e ritual, em particular por meio de rituais sacrificiais.

Os povoamentos da Idade da Pedra normalmente se agrupam ao redor de um centro sagrado, seja uma pedra do sacrifício, seja um totem, seja uma montanha, seja um sepulcro, e sepultamento não se dissocia nitidamente de ofertório. E quem estuda as mais antigas camadas narrativas da humanidade depara com mitos nos quais a consumação do sacrifício ou representa, ela própria, a ação central, ou conserva-se como um baixo contínuo. Matar – isso os animais também fazem, ocasionalmente, inclusive, a seus iguais. Mas matar ritualmente, em reuniões festivas num determinado lugar e de acordo com um esquema estipulado: essa é uma particularidade da espécie *Homo sapiens*. (Türcke, 2016, pp. 16-17).

O interesse de Türcke pela prática humana de rituais de sacrifício se justifica sobretudo pela sua função psíquica. Segundo o filósofo, o sacrifício surge para, ao reviver o horror que é intrínseco à morte, ao ato de matar ou de ver o outro morrer, ao repeti-lo, é produzido justamente aquilo que se deseja aliviar. É neste paradoxo, tão caro à psicanálise

⁸ A hipótese de Türcke é corroborada pela ensaísta Susan Sontag, em seu livro de ensaios *Contra a interpretação e outros ensaios*. Ver, Sontag, 2020, p. 15. Na conclusão deste meu ensaio retornarei a Sontag.

freudiana,⁹ que reside a resposta de Türcke sobre o momento que nossa espécie adquiriu a atenção. Em poucas palavras, para o filósofo, o fator decisivo para a prosperidade humana na Idade da Pedra Lascada, em meio a uma realidade tão hostil, foi aprender a lidar com experiências traumáticas, através de sua representação. E segundo a etimologia do termo, representar trata-se de, no fundo, “tornar de novo presente”. Portanto, para lidar com o trauma, é necessário repetir o que ainda não foi superado. O ritual de sacrifício surge então para, ao tornar presente o horror passado, seja possível torná-lo finalmente passado. Em suma, busca-se recordar na tentativa de esquecer. A atenção é uma habilidade desenvolvida a partir desse processo: é por meio das práticas rituais que nós, humanos, fomos capazes de aprender a *fixar a atenção para além do instante* (Türcke, 2016, pp. 57-59).

Nessa chave de leitura, podemos traçar um inesperado diálogo entre a abordagem de Le Guin e a de Türcke sobre o Paleolítico. A hipótese do filósofo é que a invenção da representação teria sido a responsável pela nossa capacidade de fazer o passado permanecer no presente e assim fazer que o presente dure mais que o instante. No entanto, essa habilidade teria sido desenvolvida por meio de rituais que exaltavam o que chamei de *estórias sobre destroçar*. A estória contada e recontada desde que a lança feita de pedra lascada foi inventada. A estória sobre matar o mamute e destroçá-lo até virar um monte de carne. Essa estória, ainda hoje influente, mesmo que com uma nova roupagem, talvez não seja a melhor forma de lidar com os desafios do presente. Ao invés de destroçar, talvez seja melhor, ao contrário, acompanharmos Le Guin em sua busca por *estórias sobre permanecer*. Posto que agora a lança – repaginada em sua mais recente e devastadora versão, o míssil – parece mais um impeditivo para a prosperidade humana do que sua garantia. Dito de outro modo, ao invés de enaltecer um símbolo que por onde passa só resta destroços, seria preferível prestigiar um símbolo que represente o nosso legado evolutivo, esta nossa capacidade de prestar atenção; um símbolo que, por onde passa, carrega as riquezas encontradas pelo caminho. Por isso, penso que a bolsa como metáfora é mais relevante para nós hoje, por representar simbolicamente a valiosa capacidade que adquirimos de guardar, carregar e transportar os

⁹ “Sigmund Freud percebeu que as pessoas que na guerra ou em acidentes ferroviários sofreram um choque traumático, no sonho noturno se viam repetidamente expostas à situação que as chocara, de modo recorrente tornavam a vivenciá-la, reiteradamente despertavam trêmulas e banhadas de suor. Por que o faziam e por que não reprimiam apenas o pavor? Evidentemente porque este era poderoso demais para se deixar reprimir. E isso levou Freud a uma suspeita. A repetição que se manifestava de forma absurda não acontecia para mobilizar defesas suplementares contra a intrusão da violência natural traumatizante que era incapaz de impedir? Não seria a exasperante compulsão à repetição, afinal, uma tentativa de autorregeneração do sistema nervoso: uma tentativa de instalar vias nervosas capacitadas, nas quais pudesse ser canalizada e tornada suportável uma descarga de excitação insuportável?” (Türcke, 2016, p. 18).

espólios encontrados em cada lugar passado. Espólios estes que podem ser comidas ou, quiçá, experiências.

Essa correlação que faço entre tornar o passado de novo presente, fixar a atenção para além do instante, e a capacidade de guardar, carregar e transportar experiência não é leviana. Em última instância, minha intenção neste ensaio é ser capaz de formular a tese de que há uma interdependência entre representação, atenção e experiência. A representação – materializada aqui na forma de texto literário – pode ser uma ferramenta apropriada para efetivamente conseguirmos conter – ao invés de combater – a cultura do déficit de atenção, à medida que sejamos capazes de tecer no ambiente escolar uma prática de leitura que seja também uma experiência.

Em plena sintonia com Türcke, como veremos a seguir, Jorge Larrosa Bondía aborda sobre o conceito de experiência em um artigo chamado “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. De acordo com o pedagogo, se buscarmos compreender o que realmente a palavra experiência quer dizer, notaremos uma convergência entre sentidos distintos em diferentes línguas, românicas e germânicas. Por exemplo, em espanhol, experiência diz respeito a “*lo que nos pasa*”; assim como em alemão, experiência seria “*was mir passiert*”; já em francês, experiência equivale à expressão “*ce que nous arrive*”, e trata-se de um lugar que recebe o que chega; em italiano, pode ser tanto “*quello che nos succede*” quanto “*quello che nos accade*”; o que é semelhante à versão em inglês “*that what is happening to us*”; como também, é claro, do nosso entendimento em português, em que experiência soa algo como “aquilo que nos acontece”. Logo, experiência pode ser pensada como o espaço onde têm lugar os acontecimentos, onde se sucedem os acontecimentos que nos marcam. Dessa forma, Bondía sugere que estaria implicado ao *sujeito da experiência*, por um lado, a sua *dimensão espacial*, pois seria o território de passagem, ou o lugar de chegada, ou então o percurso onde os acontecimentos se sucedem; e por outro, a sua *condição de passividade*, de abertura, de receptividade a receber tais acontecimentos (Bondía, 2002, pp. 21, 24).

Se entendermos, portanto, a experiência como o que nos passa, o que nos toca, o que nos afeta e assim nos marca, podemos começar a vislumbrar como a falta de atenção dos estudantes poderia vir a ser contida com a experiência de um choque traumático. Ambos os pensadores, Türcke e Bondía, assumem-se como leitores de Walter Benjamin. Basicamente, ambos reconhecem a pertinência da tese de Benjamin de que, ironicamente, o gigantesco desenvolvimento da técnica provocou uma forma de pobreza totalmente nova: a pobreza de experiências (Benjamin, 2019, p. 86). A cultura do déficit de atenção é nada mais

senão a expressão sintomática da pobreza de experiências que assolam a vida contemporânea. Segundo TÜRCKE, não podemos reduzir o chamado Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) a uma condição individual, trata-se mesmo de um fenômeno cultural. O indivíduo com TDAH é mero efeito colateral de um regime global de atenção que insensibiliza a atenção humana por meio da sobrecarga ininterrupta (TÜRCKE, 2016, pp. 33, 78-79). Se o diagnóstico de TDAH prevalece sobretudo nas crianças e jovens, é porque são esses os indivíduos que viveram toda sua vida, ou ao menos a maior parte dela, nesse mundo em que o real é repetidamente interrompido pelo digital.

Ainda de acordo com TÜRCKE, da Idade da Pedra Lascada até o início da Idade Moderna, a sociedade humana se organizou em função de uma mesma *dinâmica de repetição*, iniciada pela invenção da representação, isto é, pela arte de contar as *estórias sobre destroçar* nas práticas de rituais sacrificiais. Ao longo desse longo tempo, o objeto que produzia a repetição, ou seja, o objeto que desencadeava a lembrança, que fazia o passado retornar ao presente, possuía a mesma natureza, o que variava era somente sua grandeza. Inicialmente, a vítima a ser sacrificada não era insignificante, pois o ritual sacrificial era uma prática vital para aquelas sociedades primitivas, realizada portanto sob extrema pressão. Sacrificar algo grandioso, como outro humano ou como um animal de grande porte, provocava no grupo um efeito de descarga, um choque traumático, que fazia-os lembrarem de experiências traumáticas passadas não resolvidas. Por ser um choque realizado no ambiente controlado do ritual, tornava-se uma forma de lidar com o trauma porque a repetição levava ao alívio (TÜRCKE, 2016, pp. 17-19). Contudo, com o passar do tempo, o sacrifício de humanos e de animais de grande porte eventualmente começa a ser substituído pelo sacrifício de animais de pequeno porte, e depois por plantas, e então por materiais inorgânicos como peças de barro ou de metais, enfim, qualquer oferenda que pudesse vir a ser considerada significativa (TÜRCKE, 2016, pp. 22-23). Em todo o caso, tratava-se sempre de uma prática humana que, de forma mais ou menos consciente, era capaz de repetir algo do passado no presente.

O ritual se resume, no fundo, a uma prática que, por sua repetição, produz um hábito. Qualquer experiência chocante, traumática, seria passível de se tornar suportável, à medida que sua representação reiterada, no espaço adequado e conforme todo um protocolo previamente definido, a transformasse em monótona, tediosa, de tão ordinária. Símbolos que, por sua recorrência, tornam-se identificáveis, pois a eles nos habituamos. Assim, como diz Byung-Chul Han, rituais são no tempo o que uma habitação é no espaço: *fazem o tempo se tornar habitável*. Seu efeito é transformar o *estar-no-mundo* em um *estar-em-casa* (Han, 2021, p.

12).¹⁰ A propósito, é possível dizer que nossa própria identidade é moldada a partir do lugar onde nos sentimos em casa. Por essa ótica, seriam as representações, repetidas pela força do hábito, as formadoras da dimensão cultural da vida humana.

Entretanto, a partir da Primeira Revolução Industrial, em particular após a invenção da máquina a vapor, todo o cotidiano começa a ser pautado por outra *dinâmica de repetição*, a repetição das máquinas, de natureza programada, a repetição dessas ferramentas assustadoramente convenientes que praticamente não dependem do esforço humano para se moverem. As máquinas movem-se como que por si mesmas, repetidamente, e ainda de modo idêntico. Essa simples diferença é que, para Türccke, fez toda diferença. A cultura não é mais moldada pela práxis de repetição humana, mas agora maquinica. É aqui que a influência de Benjamin se torna transparente. Porque a obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica é precisamente a ferramenta que a repetição maquinica deixa de estar contida nos *processos de movimentação* e passa a assumir também os *processos de percepção* (Türccke, 2016, p. 26-29). A própria percepção humana passou a ser intermediada por máquinas. Embora não seja exatamente chocante para quem vive no século XXI, mas o advento da fotografia foi capaz de, não somente tornar presente um instante passado, como também representar determinada realidade com exatidão – não de modo semelhante, e sim idêntico. Por intermédio da máquina, qualquer um pode observar o mundo pelo ponto de vista do outro. Embora para nós, vivos hoje, seja algo perfeitamente comum, ordinário, no final do século XIX essa foi uma novidade chocante. A respeito desse choque que a imagem é capaz de causar, basta pensarmos no famoso caso da primeira exibição de *A Chegada do Trem na Estação*, dos irmãos Lumière, que, segundo consta, a plateia levantou-se da cadeira assustada com a possibilidade de ser atingida pela imagem do trem movendo-se em direção à tela.

Só que não estamos mais em 1895. Hoje, a imagem virtual de um simples trem em movimento diante de nós definitivamente não é nada chocante. Ao contrário, com a vida a todo momento intermediada por telas, esse efeito de choque foi drasticamente atenuado. Porém, ainda recebemos uma descarga mínima de adrenalina a cada vez que direcionamos

¹⁰ Byung-Chul Han é outro pensador assumidamente leitor de Walter Benjamin, cujas ideias estão em plena sintonia com Türccke e Bondía, sobretudo em seus ensaios *A crise da narração* e *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Entretanto, não há espaço suficiente aqui nessas poucas páginas para evidenciar como a *minha* leitura de Benjamin é influenciada também pela *minha* leitura da leitura de Han de Benjamin. Em todo caso, quis ao menos explicitar que essa definição para rituais de Han está subliminarmente presente em todo o ensaio.

nossa atenção a alguma tela. A imagem virtual não mais nos assusta, mas nos fascina. Nosso olhar é atraído pela abrupta alteração luminosa da tela, como se fosse uma força magnética. É necessário muita força de vontade para afastar o olhar, e o mais singelo tremor já é o suficiente para desviar a atenção, de novo e de novo, para nos fazer checar as notificações, para nos fazer consumir novas informações. Nesse sentido, não produzimos mais a repetição, mas é a repetição que nos consome. Não mais somos o sujeito que sacrifica, mas o objeto sacrificado. Não mais buscamos superar o passado, mas o próprio presente. O horror não mais diz respeito ao ato de matar e de morrer, mas ao tédio. Matamos o tempo para não morrermos de tédio, a cada *scrollagem infinita*. Não mais sofremos devido a um choque traumático, mas devido à ausência dele. Nossa compulsão à repetição é para tornar novamente presente qualquer mínima descarga de adrenalina. É assim que, pouco a pouco, a cada desvio de foco, dessensibilizamos nossa percepção, perdemos nossa atenção.

Estranhamente, à medida em que evitamos o tédio, mais pobres nos tornamos de experiências. Nos tornamos sujeitos, como apontava Bondía, determinados pela nossa *condição de passividade*: somos bombardeados repetidamente com novas informações. Poderíamos dizer que é aqui que reside a crucial diferença entre o que Bondía chama de *sujeito da experiência* e de *sujeito da informação*. Porém, cabe dizer, a ausência do tédio devido ao excesso de informação não pode ser confundida com a experiência do choque traumático, o que ela provoca é a repetição de choques atenuados, por meio de pílulas de conhecimento. Ao *sujeito da informação*, falta-lhe justamente a experiência, falta-lhe perceber o que nos acontece e nos marca, falta-lhe o impacto duradouro que conduz a superação do trauma. A informação se justifica por sua capacidade de atualizar. Assim, a informação não transporta o sentido, apenas transmite o conhecimento. Ela resume o que é agora. E o agora nunca dura. Quando a informação se torna passado, é de forma definitiva. Não há ímpeto para tentar recordá-la, pois já ansiamos pela próxima novidade. Todo o valor da informação se resume ao instante de sua novidade (Benjamin, 2018, p. 29). E todo o valor do *sujeito da informação* se resume a sua própria opinião.

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresenta, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem que ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas

possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (Bondía, 2002, p. 22).

O *sujeito da informação* é na verdade o *sujeito moderno* repaginado em sua mais recente versão. Apesar de o *sujeito da informação*, como disse há pouco, ser bombardeado pelo excesso de informação, e portanto ser determinado por uma *condição de passividade*, ela não é aceita de bom grado. Ao contrário, para o *sujeito da informação* a passividade é insuportável. É por isso que o *sujeito da informação* transforma o excesso de informação em excesso de opinião. Bondía afirma que o *sujeito moderno* se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação, em que tudo é pretexto para sua atividade. Assim, trata-se de um sujeito animado por uma mescla de otimismo, progressismo e agressividade, é um sujeito que “crê que pode fazer tudo o que se propõe (e se hoje não pode, algum dia poderá) e para isso não duvida em destruir tudo o que percebe como um obstáculo à sua onipotência” (Bondía, 2002, p. 24). Diante de sua própria impotência, este sujeito tornado ele mesmo o objeto sacrificado – pois sacrificou seu próprio legado evolutivo, sua capacidade de prestar atenção –, intui que o que lhe resta de opção de ação é apenas poder expressar sua opinião.

Por isso, penso que as *estórias sobre destroçar* estão alinhadas com o *sujeito da informação*, esse sujeito que vive de instante a instante, sem conseguir notar a continuidade que há entre o passado e o presente. Afinal, a própria natureza dos destroços prejudica qualquer tentativa de restaurar a unidade do todo. Destroços não são partes, e sim restos. Como alega Lajolo, a arte de tecer tornada industrial, maquinica, faz desaparecer o sujeito do antigo tecelão; a divisão da produção do tecido em etapas avulsas faz perder o sentido de totalidade do objeto em construção (Lajolo, 1993, p. 104). E assim, o texto tecido em uma leitura imersa na cultura do déficit de atenção produz apenas opinião individual, pois não consegue prestar a devida atenção no sentido dos vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Tecer uma leitura sob o atual regime global de atenção é como enxugar gelo, pois falta a percepção de que se trata de um esforço artesanal, solidário e dialógico, ou seja, que precisa dedicar toda a atenção a um trabalho coletivo: o trabalho de tecer a *bolsa da ficção* e estarmos abertos a nela guardarmos *estórias sobre permanecer*.

Quase um século atrás, em 1936, Walter Benjamin alertava sobre a inauguração de uma nova forma de comunicação chamada de informação, que era consequência da perda progressiva da comunicabilidade da experiência (Benjamin, 2018, p. 25).¹¹ Antes da

¹¹ Cabe dizer que tomo como base duas traduções do texto de Benjamin, uma feita por João Barrento e outra por Sergio Paulo Rouanet. Ambas estão devidamente mencionadas nas referências bibliográficas.

informação, a forma de comunicação predominante era a narração. Conforme defende Benjamin, a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte da qual beberam todos os narradores (Benjamin, 2018, p. 21). O acontecimento que nos passa depende portanto, do que passa de pessoa a pessoa até nós, assim como o galo que tece a manhã depende de que outros galos apanhem o fio e o lancem a mais outro. Nesse sentido, a figura do narrador é moldada sobretudo por dois perfis distintos: o marinheiro mercador e o camponês sedentário. O primeiro conhece histórias, ou melhor, como distingue Le Guin, conhece estórias de terras distantes, de povos estrangeiros; já o segundo conhece estórias de sua própria terra, antigas estórias da tradição de seu povo. Portanto, a narração consegue superar grandes distâncias, sejam elas espaciais ou temporais, à medida que o contador de estórias carrega experiências de um lugar e as transportam a outro (Benjamin, 2018, pp. 22-23). Por isso, o dom de narrar requer uma rede de cooperação, de solidariedade, entre diversas pessoas. A narração demanda que seja traçada a continuidade da dimensão individual para a dimensão coletiva, do mesmo modo que argumentava Lajolo sobre a prática da leitura. Transmitir uma experiência ao contar uma estória requer um esforço de repetição, mas o tipo de repetição realizado por uma prática da *bolsa da ficção*. Em suma, contar uma estória requer ter de recontá-la; requer representar, que torna o passado de novo presente; requer passar para outras pessoas a sua leitura de outras leituras, que farão da sua leitura uma outra leitura para outros; requer ler livremente; requer ser livre para ler devagar; requer perceber a continuidade que há entre o instante que passou e o instante que nos passa; requer permanecer imerso na estória por um pouco mais de tempo; requer tornar o tempo habitável; requer (de)morar no presente; requer transportar o mundo consigo à medida que transforma o *estar-no-mundo* em *estar-em-casa*; requer continuar a tecer a rede de textos que já estamos tecendo há milhares de anos. Ou, nas palavras de Benjamin,

O tédio é o pássaro de sonho que choca o ovo da experiência. O menor farfalhar de folhas o afasta. Seus ninhos, as atividades intrinsecamente ligadas ao tédio, não encontram mais lugar nas cidades e estão se tornando raras também no campo. Com isso, perde-se o dom de escutar e desaparece a comunidade dos que escutam. Contar histórias é sempre a arte de contá-las novamente, arte que se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde pois ninguém mais tece nem fia enquanto ouve histórias. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente aquilo que escuta se imprime nele. Onde o ritmo do trabalho o toma inteiramente, ele ouve as histórias de tal maneira que o dom de contá-las lhe vem espontaneamente. Assim foi tecida a rede na qual está contido o dom de contar. Assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida há milhares de anos, em torno das mais antigas formas de artesanato (Benjamin, 2018, pp. 31-32).

Ler literatura requer tempo, o tempo de sonhar alto como um pássaro. Enquanto matarmos o tempo para não morrermos de tédio, não podemos chocar o ovo da experiência de que fala Benjamin. Quando sugeri, no início deste ensaio, que a leitura de um texto literário pode servir ao professor para abalar a monotonia da sala de aula através de experiência de um choque traumático, é porque acredito que o tédio, capaz de chocar o ovo da experiência, também pode habitar na experiência do choque traumático que abala a monotonia. Quando esta prática tediosa, que nos faz sentir o tempo de forma devagar, demorada, abala a monotonia ao ecoar sintonia. Em outras palavras, trata-se de praticar a leitura como um esforço dialógico que requer que o sujeito seja afetado pela ação de outras pessoas. Apenas por meio da dialogia é possível, durante uma leitura, abalar a monotonia com sintonia. Assim, a sala de aula deve ser um território de passagem, um lugar que o acontecimento de tecer a leitura de literatura passa de pessoa a pessoa até nos passar também. De forma contraintuitiva, na sala de aula é preciso assumir a postura ativa de uma condição passiva, ou seja, é preciso estar plenamente aberto a prestar atenção no que o outro tem a lhe dizer – seja professor, seja aluno.

Então, qual seria o método para realizar essa prática da *bolsa da ficção*? Busco responder essa questão a partir do que dois pedagogos aprenderam sobre a relação entre saber, ensinar e aprender: Joseph Jacotot e Paulo Freire.

O que sabemos da experiência de Jacotot nos é passado por Jacques Rancière, em seu livro *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Rancière nos conta que, em 1818, Jacotot viveu uma aventura intelectual quando decidiu abandonar a lógica do sistema explicador e assim percebeu que podia ensinar o que não sabia. Diante de uma turma de falantes de holandês, ele que só falava francês percebeu que não teria muito o que dizer enquanto seus alunos não fossem capazes de lhe ouvir. Era preciso estabelecer um laço mínimo entre professor e alunos, era preciso encontrar uma *coisa comum* a ser partilhada por Jacotot e a turma. Essa coisa foi a leitura de *Telêmaco*, que tinha acabado de ser publicada em uma edição bilíngue. De forma improvisada, resolveu fazer, nas palavras de Rancière, uma experiência filosófica: solicitou aos estudantes que, amparados pela tradução do texto literário, aprendessem o francês. Enorme foi a sua surpresa quando descobriu que, mesmo privados das explicações de um mestre, foram capazes de ler e comentar sobre o que leram na língua recém aprendida. Assim, percebeu que a suposta incapacidade do aluno de compreender um assunto por si mesmo, que tornaria então necessária a explicação oral do mestre sobre algum texto escrito, era uma ficção absolutamente desnecessária para a prática

pedagógica. Por essa razão, decidiu ensinar o que não sabia – no caso, a pintar e a tocar piano –, pois concluiu que ensinar trata-se de uma prática que não pressupõe uma desigualdade a ser reduzida, mas ao contrário, uma igualdade a ser verificada. Desse modo, seu método de ensino partia do princípio de que todas as pessoas têm igual inteligência. O mestre ignorante é aquele que ensina o que não sabe enquanto emancipa o aluno: não por transmitir seu conhecimento por meio de explicações, e sim por forçar o aluno a reconhecer sua própria inteligência até ali ignorada e então desenvolvê-la (Rancière, 2013, p. 9 et seq.).

Considero a literatura uma modalidade privilegiada de *coisa comum*, porque ninguém na sala de aula é capaz de saber, a partir da leitura de um texto literário, o que realmente quis dizer quem o escreveu. Há sempre o risco do mestre cometer um equívoco: desenvolver uma leitura talvez inadequada para a turma, ou se enrolar com uma leitura inesperada tecida pela turma. A literatura permite tornar perceptível a igualdade entre as inteligências. Além disso, um texto literário é capaz de abalar a monotonia da sala de aula, porque ele pode nos afetar, nos tocar, nos marcar. Somos todas e todos vulneráveis à literatura. Na literatura, o prazer e o desprazer são virtualmente ilimitados, pois trata-se, no fundo, de estar aberto a uma paixão. A paixão que nos afeta, nos toca e nos marca pode ser positiva ou negativa. Se apaixonar é desejar e padecer, é sentir a tensão entre amor e dor. Assim, penso que tecer a leitura de literatura pode provocar na turma uma mescla de felicidade e sofrimento que a force a perceber, refletidas nas palavras do texto, suas próprias experiências de vida.

Quando Paulo Freire define, em seu texto “A importância do ato de ler”, que a leitura da palavra sempre é precedida e sucedida pela leitura do mundo, em uma relação de continuidade (Freire, 2021, p. 50), ele parece concordar com o princípio de Jacotot de que o mestre ignorante ensina – mesmo o que não sabe – sem ignorar a inteligência do aluno que ignora o quanto já sabe. Até mesmo o aluno analfabeto, que ainda não sabe como codificar os significados acumulados em determinado texto, possui o que Freire chama de experiência existencial, carregada de significações, de significados pessoais, de aprendizados que recebeu da vida, de leituras do mundo. É por esse motivo que o próprio Freire decide falar sobre a importância do ato de ler por meio de suas mais remotas memórias, por exemplo, de quando ele era o aluno na escola e, no seu caso, a leitura da palavra era a leitura da “*palavramundo*”. Freire percebe nessa correlação entre palavra e mundo uma ligação dinâmica entre linguagem e realidade, entre texto e contexto (Freire, 2021, pp. 36-43), que me parece ser a mesma *dinâmica de repetição* humana – e não a máquina – inaugurada quando começamos a praticar a representação em rituais sacrificiais. Como prefere traduzir Bondía a renomada definição

de ser humano de Aristóteles, ao invés de “animal racional”, *ζῷον λόγον ἔχον* é o “vivente dotado de palavra” (Bondía, 2002, p. 21). Nesse sentido, a distinção entre a espécie *Homo Sapiens* e os demais homínídeos surge da dinâmica do movimento de passagem do mundo para a palavra, e então da palavra para novamente o mundo. Portanto, para transformar a realidade, Freire defende que é preciso primeiro representá-la, e sobretudo a partir das leituras do mundo de quem ignora o quanto já sabe.

Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do processo de alfabetização. Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade (Freire, 2021, p. 51).

Enfim, poderíamos assim dizer que o método para realizar a prática da *bolsa da ficção* deve ser, em primeiro lugar, encontrando a *coisa comum* a ser partilhada, e em segundo, por meio de uma experiência que estimule a cada estudante que ignora o quanto já sabe a perceber que já têm muito a dizer sobre suas próprias leituras da *palavramundo*. A tarefa do professor deve ser entendida como a força – no sentido físico do termo – que inicia o movimento de passagem entre o mero saber do conhecimento para o que Bondía chama de *saber da experiência* (Bondía, 2002, p. 27), o saber que não ignora toda a significação da própria experiência existencial de quem aprende. Um saber que não se reduz a uma opinião, pois assume uma paixão.

Na conclusão de seu livro, Türcke sonha com uma nova disciplina escolar: Estudos Rituais (Türcke, 2016, p. 130). Ao perceber que a cultura do déficit de atenção está apenas em seus primórdios, digamos, em sua pré-história, cabe a comunidade escolar se tornar um espaço de sua contenção. Sua aposta, modesta e incerta, é explicitar a dimensão ritualística da prática humana a fim de recuperarmos a plena capacidade de prestar atenção. Curiosamente, na conclusão de seu livro, quando Lajolo alerta os professores de literatura de não cometer o diagnóstico enganoso da inexistência do hábito de leitura entre os jovens, ela também sublinha a pertinência de certos rituais para nossa vida. Por exemplo, o que seríamos de nós sem certos rituais de higiene e alimentação (Lajolo, 1993, p. 107). Podemos concluir que, de um lado, mesmo a juventude viciada em telas que sofre de TDAH está habituada com a leitura, mas há um excesso de leitura da palavra e uma escassez de leitura

do mundo; e de outro, explicitar a dimensão ritualística no hábito da leitura poderia contribuir para tecer uma leitura da *palavramundo*.

Exercitar a leitura de literatura, coletivamente, com regularidade, de acordo com um esquema estipulado, e expondo¹² em grupo diferentes leituras, talvez seja um bom meio de tentar realizar a prática da *bolsa da ficção*. De início, o mais relevante seria encontrar a *coisa comum* entre todas e todos presentes na aula. Aqui, essa coisa deveria ser um texto literário que despertasse paixão na turma, isto é, um objeto capaz de afetar o sujeito, capaz de fazê-lo sentir ativamente sua condição de passividade, de vulnerabilidade, e assim ser capaz de fazer a turma prestar atenção no espaço onde têm lugar os acontecimentos. Bondía repaginou o *sujeito da experiência* justamente como um *sujeito passional*, em contraposição ao *sujeito moderno* repaginado como *sujeito da informação*. Conforme ele descreve, “na paixão se dá uma tensão entre liberdade e escravidão, no sentido de que o que quer o sujeito é, precisamente, permanecer cativo, viver seu cativo, sua dependência por quem está apaixonado” (Bondía, 2002, p. 26). Quando discordei de Lajolo, no início do ensaio, em relação ao conceito de liberdade, era com essa leitura em mente. Se pensarmos a literatura como uma modalidade privilegiada de leitura em que a liberdade é virtualmente ilimitada, e ao mesmo tempo pensarmos a liberdade como um querer permanecer cativo, começamos a finalmente delimitar o que chamo, a partir de minhas leituras, de *bolsa da ficção*. A bolsa pode ser descrita como um corpo com fronteiras bem definidas mas ao mesmo tempo aberto a receber e carregar outros corpos. Pouca função possui uma bolsa furada, que derruba seu conteúdo, ou uma bolsa com o zíper emperrado, que não consegue mais abrir e fechar. Poeticamente, poderíamos dizer que a bolsa acolhe porque envolve, ela está aberta a receber porque é capaz de guardar ao fechar.

A *bolsa da ficção* deve ser pensada apenas como um símbolo que torna reconhecível este nosso hábito de permanecer cativo às coisas que prestamos atenção ao longo da vida. A *bolsa da ficção* é, portanto, uma ferramenta que tecemos continuamente a fim de abrigar coisas a serem partilhadas com os outros, coisas a serem apreciadas em grupo: nossas leituras de nossas histórias. Segundo Türcke, só algo que retém, algo que permanece, pode ser duradouramente imaginado. Essa sua tese decorre de pesquisas em crianças com TDAH em

¹² Eis o porquê do termo: “Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a ‘o-posição’ (nossa maneira de opormos), nem a ‘im-posição’ (nossa maneira de impormos), nem a ‘pro-posição’ (nossa maneira de propormos), mas a ‘ex-posição’, nossa maneira de ‘ex-pormos’, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’” (Bondía, 2002, p. 25).

que foi observado nelas uma significativa diminuição de sequências oníricas bem delineadas, narráveis (Türcke, 2016, p. 78). A falta de atenção provoca uma falta de coerência até em nossos sonhos, o espaço por excelência onde têm lugar os acontecimentos da imaginação. Como sugere a própria origem latina do termo, o celular é o que nos protege do exterior, e por consequência, nos isola em nossa “cela”. Estamos alheios a nós mesmos, fragmentados, destroçados, pois o vício em celular arruína até mesmos o nosso sono e os nossos sonhos. Nesse mesmo sentido, Han e Sontag contrastam a informação e a ficção. A informação é justamente, por definição, parcial, fragmentária e incompleta e a ficção sempre visa um fim, um desfecho, uma conclusão. Porque onde há completude, unidade e coerência, deve haver limites. O final de uma estória é o ponto de convergência: o ponto mágico a partir do qual quem tece a leitura percebe como as coisas que inicialmente parecem díspares afinal se integram (Sontag, 2007, pp. 170-171; Han, 2023, p. 85). Em suma, a *bolsa da ficção* é a ferramenta que, ao abrir e fechar, nos permite guardar, carregar e transportar tudo o que há para prestar atenção entre o início, o meio e o fim.

REFERÊNCIAS

- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- _____; Patrícia Lavelle (org.). *A arte de contar histórias*. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2018.
- _____; Barrento, João (org.). *O anjo da história*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- Bondía, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, abr. 2002.
- Freire, Paulo. “A importância do ato de ler”, in: Freire, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 52. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- Fisher, Elizabeth. *Woman’s creation: sexual evolution and the shaping of society*. 1. ed. New York: McGraw-Hill Book Co., 1980.
- Han, Byung-Chul. *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- _____. *A crise da narração*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.
- Lajolo, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

Le Guin, Ursula K. *A teoria da bolsa da ficção*. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2021.

Rancière, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Sontag, Susan. *Ao mesmo tempo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Contra a interpretação: e outros ensaios*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Türcke, Christoph. *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.



Relatos Historiográficos

Jubileu de Ouro do GLAN

“A diferença entre o possível e o impossível está na vontade humana.”
(Louis Pasteur)

Silvia Helena Xândy

GLAN — Grêmio Literário de Autores Novos — foi criado em cinco de julho de mil novecentos e setenta e cinco, considerado de utilidade pública pelo Decreto Lei 1.730 de 7/4/1982. Sua sede (hoje extinta por causa de um incêndio) ficava na Avenida do Contorno, número dez, no bairro Belmonte. Tal instituição intensificou o intercâmbio cultural na nossa região, em todo o Brasil e até no exterior, levando o nome de nossa cidade do aço para além-mar.

Estou muito feliz e honrada por falar do GLAN e desse personagem pioneiro que se chama José Luiz de Oliveira. É impossível separá-los. Além de sonhador e fazedor de versos, era também um homem além do seu tempo. Visionário! Com sua simplicidade, voz macia e andar compassado (sua marca registrada), conquistou amigos e muitos seguidores numa época em que não existia a internet, whatsapp, e-mails, pix... Tudo era feito por meio de cartas, caixa postal, idas e vindas aos Correios, banco e gráficas e reuniões presenciais... e sabem, tínhamos uma enorme produção literária!

Volta Redonda se tornou então em um celeiro cultural com uma supersafra que se destacou poeticamente por meio das Coletâneas de Contos e Poesias, lançadas anualmente numa linda noite poética no Teatro Gacemss. Eu não poderia iniciar esta prazerosa tarefa sem incluir um texto escrito por mim em 2002, pensando em José Luiz e no futuro dessa agremiação literária: *“Hoje somos gotas orvalhadas, gotejando Poesia em cada página desta coletânea. Um misto de rosas entreabertas e botões por desabrochar. E, amanhã, seremos buquês nas mãos de poetas ansiosos por conhecer os versejadores do GLAN. E, nas bibliotecas, seremos as sementes armazenadas para um Futuro Poético.”* (Prefácio da XVIII Coletânea de Contos e Poesias do ano de 2002.)

O GLAN nasceu do anseio desse homem simples vindo da lavoura, mas que tinha um grande sonho encantado: o de escrever e poetar. E, quando chegou a Volta Redonda, no ano de 1945, resolveu colocar em prática esse seu devaneio. Imaginem só, meus caros leitores, um trabalhador autodidata sem perspectiva nenhuma de alcançar o nível universitário e que tinha as mesmas dificuldades de um pai de família de hoje para sustentar sua prole, mas que em nenhum momento pensou em desistir de seu propósito: criar uma agremiação literária.

Essa instituição abriu várias outras vertentes culturais e intensificou o intercâmbio na nossa região, Brasil e até no exterior, levando assim o nome da cidade do aço para além-mar. Volta Redonda se tornou então um celeiro cultural com uma supersafra de poetas que se destacaram por meio das coletâneas de poesias e contos que eram e (são) lançadas anualmente numa linda noite de autógrafos no Teatro Gacemss.

José Luiz de Oliveira foi o único do seu tempo que percebeu a necessidade de se criar uma agremiação onde os poetas tivessem vez e voz para divulgar seus trabalhos pela primeira vez. Esse foi o primeiro passo... Um batismo poético. O GLAN certamente vem cumprindo o seu papel, abrindo muitas gavetas de guardados poéticos, com as chaves da credibilidade. Visionário e ativo, não mediu esforços para concretizar seus objetivos. Hoje, com toda a tecnologia ao nosso dispor e cientes da grande responsabilidade de continuarmos este trabalho, não podemos deixar que as dificuldades mínimas diminuam o nosso otimismo, amor e respeito pelo GLAN. Relembremos que José Luiz de Oliveira arrou, adubou a terra e fez florescer nossos talentos, abrindo caminhos para que outros pontos hoje existentes pudessem brilhar em sua plenitude. Ele lutou bravamente por esse ideal até o fim de seus dias.

E assim, caminhando nessa estrada criada por José Luiz de Oliveira, os demais presidentes continuaram essa história maravilhosa, espelhados em suas ações. Irei aqui dissertar um pouquinho tudo o que aprendi com meu mestre, inclusive o amor e dedicação ao GLAN. Eu iniciei no GLAN a partir de 1998, primeiro como primeira secretária, vice e depois Presidente, quando ele se encontrava em grandes dificuldades financeiras e perto de fechar suas portas. A luta travada para que essa entidade não morresse no campo da batalha foi bem sangrenta. Mas, pensando na labuta edificada do nosso mentor, persisti, utilizando todas as armas possíveis para que eu não perdesse a guerra. Lancei mão de tudo e de todos que pudessem me apoiar nessa caminhada poética e literária. Mas não foi fácil dar continuidade ao sonho de José Luiz de Oliveira, pois era uma época em que ainda não existia a internet, e os contatos eram feitos por mim através do antigo telefone de linha fixa da minha casa ou do orelhão público que ficava em frente ao prédio em que eu trabalhava. Era por meio dele que eu movimentava as atividades glanistas, feitas, é claro, durante o horário do meu cafezinho da manhã ou da tarde.

Era o tempo da escrita manual! Sim, bastante trabalhoso. Eram idas e vindas ao correio para colocar e retirar as correspondências na caixa postal e respondê-las, uma a uma, à mão. Depois, bem mais tarde, Dora de Araújo da Rocha e Silva ajudou-me por demais com seus exímios serviços de primeira secretária. No período da organização da coletânea era uma loucura! Tínhamos que digitar as poesias, pois os poemas vinham escritos de próprio punho dos autores, porque muitos deles não sabiam datilografar. Outro detalhe importante nesse ciclo era o sigilo absoluto quanto à classificação dos poemas (que não podiam ser identificados pelo nome próprio, somente por pseudônimos). A entrega das medalhas aos classificados era sem dúvida alguma o ponto alto da festa, que era aguardada anualmente pelos nossos participantes e leitores. Foi uma época de puro glamour, quando, então, me esmerava junto ao mestre de cerimônia Márcio Marinho Nogueira, para que tudo saísse a contento. Como ele mesmo dizia: Padrão Silvia Helena Xândy (risos). Esse evento era um misto de teatro, música, artes plásticas, dança e poesia.

Não posso me esquecer do Café Poético, que acontecia no primeiro sábado de cada mês, no teatro GACEMSS, momento esse de descontração de nossos poetas, em que eram lidas suas poesias. Nossa reunião mensal era feita em qualquer estabelecimento que nos abrisse as portas, pois não dava para fazê-la no endereço da sede porque ficava em um bairro bastante distante e de difícil acesso para a diretoria.

Deixo aqui um agradecimento especial ao GACEMSS, que nos acolheu de braços abertos.

Muitos outros eventos aconteceram ao longo dessa jornada. Poderia ficar aqui narrando, mas acho melhor amostrar por meio de nosso acervo fotográfico, preservado e resguardado por mim e outros glanistas que participaram dessa deslumbrante e fascinante época. E nossa história continua... Dia cinco de julho de 2025, o GLAN completou cinquenta anos de existência. Quem diria que chegaríamos tão longe!

Como toda dedicação, realizamos a *Coletânea de 50 Anos de Ouro de 2025*, que veio confirmar o esforço e empenho daqueles que lutaram para preservar tão significativa entidade poética. Aproveito aqui o ensejo para agradecer sinceramente a todos que fizeram parte dessa trajetória literária e nos apoiaram ao longo desses anos para que o GLAN continuasse a escrever sua história.

Essa luta de José Luiz de Oliveira, sempre me fez lembrar uma citação de que gosto muito e que parece ter sido escrita exclusivamente para ele: *“Uma geração constrói uma estrada por onde a outra trafega.”*

* Presidente do GLAN e ocupante da cadeira 31 da AVL

Academia Volta-redondense de Letras: 20 anos de contribuição para cultura da cidade do aço

José Huguenin

A Academia Volta-redondense de Letras – AVL é uma instituição literário cultural, fundada em 11 de março de 2005, sem fins lucrativos, que congrega escritores e escritoras de Volta Redonda em torno do objetivo de difusão da cultura brasileira, da língua portuguesa e da literatura, através da valorização, estímulo e divulgação da produção literária regional. Em 2025, comemora 20 anos de existência.

Sua missão é difundir a língua portuguesa e a literatura através da produção literária e acadêmica, além de registrar, difundir e incentivar a produção artístico literária de Volta Redonda e região.

Fundada com 20 cadeiras, na reforma estatutária de 2018, passou a contar com 40 cadeiras de membros efetivos (residentes em Volta Redonda) e passou a ter 20 cadeiras de membros correspondentes, residentes em outras cidades do país.

O brasão da AVL foi criado pelo artista plástico volta-redondense Afrânio Moutinho, e tem como ponto focal a curva do Rio Paraíba do Sul que assume a função de contorno de uma lombada de um livro aberto, que representa o livro da história marcante que a cidade do aço tem e continua a fazer em nosso país.

A solenidade de posse dos primeiros acadêmicos ocorreu em agosto de 2005, na Câmara Municipal de Volta Redonda, local que sempre abrigou grandes momentos da AVL.

Através da Lei Municipal 5.057, promulgada em 26 de maio de 2014, a Academia Volta-redondense de Letras passa ser reconhecida como instituição de utilidade municipal. A entrega do título foi realizada em 31 de março de 2015.

Como ainda não tem uma sede, a AVL conta com parceiros importantíssimos para realizar suas reuniões e eventos: o GACEMSS, que abriga a sede provisória da academia, o Clube Foto Filatélico, A Biblioteca Raul de Leoni e a Câmara Municipal de Volta Redonda.

A importância da AVL para a cidade está retratada nos inúmeros projetos e serviços culturais que presta. Nos primeiros anos, vários projetos envolvendo escolas da cidade, rodas de leitura e diversos saraus poéticos foram realizados.

Com o objetivo de reunir e salvaguardar o acervo de autores e autoras de Volta Redonda e Região, foi criada em 2020 a Biblioteca da AVL que abriga o acervo que tem mais de 200 títulos, muitos deles obras raras de grandes nomes da história e da literatura da cidade. Esse acervo, sem dúvida, é um patrimônio histórico da cidade. Em 2021, a Assembleia Geral da AVL batizou o acervo como Jornalista Vicente Melo, em homenagem ao presidente que falecera naquele ano.

Para incentivar a produção literária da cidade e região e valorizar a autora e o autor local, criou o Prêmio Maria José Maldonado de Literatura, que tem o nome da saudosa poeta e imortal da AVL. Também realizou o concurso Luz e Poesia com alunos e alunas das escolas públicas da cidade.

Visando difundir a literatura produzida na cidade, a AVL atua como editora e já publicou dezenas de livros e todos eles têm sua versão eletrônica disponibilizada para aquisição gratuita, reforçando o compromisso da academia com o acesso à literatura e incentivo à leitura. Podemos destacar a série Prosa & Verso que publica anualmente textos em prosa e verso de autoria das acadêmicas e acadêmicos; a série Antologias Concursos Literários que publica textos premiados nos concursos literários que realiza. Nesta categoria, vale destacar os E-books Poesia & Ponto, fruto de parceria entre a AVL e a Secretaria Municipal de Cultura. Muitos autores e autoras da cidade tiveram seus primeiros textos publicados na série de livros Concursos Literários. A série Registros Históricos visa resgatar e apresentar à geração atual textos dos precursores da literatura na cidade. Vale destacar a publicação em 2024 da 2ª Edição do livro *Preconceito de cor*, do saudoso escritor José Luiz de Oliveira, no ano do centenário de seu nascimento, ele que foi fundador do GLAN e membro fundador da AVL. Este foi o primeiro romance publicado em Volta Redonda em 1956. Também foi publicado o livro *Vicente Melo: fragmentos*, do saudoso ex-presidente da AVL e grande nome da cultura volta-redondense, que reuniu textos esparsos do autor e os disponibilizou aos leitores. Em 2024 também publicou o primeiro volume da série *Relatos da literatura de Volta Redonda*, que traz registros da história literária da cidade, notas biográficas de autores e autoras que praticamente iniciaram o movimento literário da cidade. Além disso, registrou movimentos literários como saraus, entre outros temas de importante registro e divulgação.

O site internet da AVL (www.avl.org.br) é um portal de difusão cultural onde textos literários e artigos dos acadêmicos(as) podem ser lidos gratuitamente. Em 2024 recebeu o Prêmio Olho Vivo de melhor conteúdo digital.

Visando ampliar o registro e o estudo da literatura da região, além de incentivar a leitura e a escrita, a AVL criou em 2020 a Revista Arigó, que tem como objetivo publicar trabalhos que discutam, analisem e divulguem a produção literária de autores de Volta

Redonda e da região Sul Fluminense, de todo Estado do Rio de Janeiro, mas não somente, abordando também literatura em geral, a Língua Portuguesa e o ensino de Língua Portuguesa. Também são publicadas peças literárias (poemas, contos e crônicas) produzidas por autores da região Sul Fluminense e relatos historiográficos da região. A Revista Arigó já está em seu 8º número e é indexada pelos diretórios acadêmicos Latinex (diretório internacional de revistas em línguas latinas) e Miguilim (diretório nacional), o que mostra a busca pela excelência do trabalho da AVL. A Revista Arigó é uma revista eletrônica que pode ser obtida gratuitamente em seu sítio na internet (www.revistaarigo.avl.org.br).

A valorização da literatura da cidade é sempre um compromisso da AVL. Outra ação criada pela academia é a instituição do Prêmio José Luiz de Oliveira, maior honraria conferida pela AVL, que tem como objetivo homenagear autoras, autores e personalidades culturais que contribuíram para o desenvolvimento da literatura de Volta Redonda.

A AVL tem buscado divulgar a literatura da cidade em todas as mídias sociais. Vale destacar a criação do Canal da AVL no Youtube que disponibiliza, por exemplo, a web série Poesia de Aço, que divulga poetas da cidade declamando suas poesias.

Como articuladora e promotora cultural, vale destacar a participação da AVL na Bienal do Livro de Volta Redonda, promovida pelo Instituto Dagaz. A AVL é parceria desde a primeira edição e, em 2024, coordenou o lançamento de livros de autores e autoras da região. Desde de 2022 é responsável pela originação do Concurso Literário da FLIM – Feira Literária de Mambucaba, o que mostra um trabalho que vai além das fronteiras do município, engrandecendo, assim, a cidade de Volta Redonda.

Também organizou uma Jornada Cultural da FALERJ (Federação de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro) em 2023, quando foi consignatária da criação do Polo do vale do Café da FALERJ (o primeiro da federação) junto as academias de Vassouras, Pirai, Valença e Pati do Alferes.

Nas comemorações dos 20 anos, foi montada uma instalação no Espaço das Artes Zélia Arbex que também foi exibida no subsolo do Sider Shopping. Nesse ano de aniversário, a AVL teve sua importância reconhecida pela Câmara de Vereadores de Volta Redonda, que outorgou a instituição Moção de Aplausos pelos 20 anos e também, honraria também recebida da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – a ALERJ.

Também fez parte das celebrações dos 20 anos uma Sessão Solene na Câmara de Vereadores de Volta Redonda, palco de sua instalação há vinte anos. Essa sessão prestou homenagens aos membros fundadores, além de plantar sementes para o futuro.

Nesses 20 anos, muitos frutos foram colhidos, não sem as grandes dificuldades inerentes ao funcionamento de qualquer instituição cultural. São justamente esses desafios que fazem com que seus membros, acadêmicas e acadêmicos, se desdobram para produzir,

em primeiro lugar, suas obras, dando sua contribuição à cultura da cidade, e, não menos importante, produzam muitas atividades através de projetos que são muito importantes para a cultura de Volta Redonda. As perspectivas futuras contemplam continuidade e ampliação destas ações.

Que venham mais 20 anos de trabalho e dedicação à literatura da cidade do aço!



Uma publicação da Academia Volta-redondense de Letras

www.avl.org.br